Ano IX
n.º 2

O Orientador

Neste número:

Comunismo, um dos maiores inimigos do homem

*

O mundo na agonia da incerteza

*

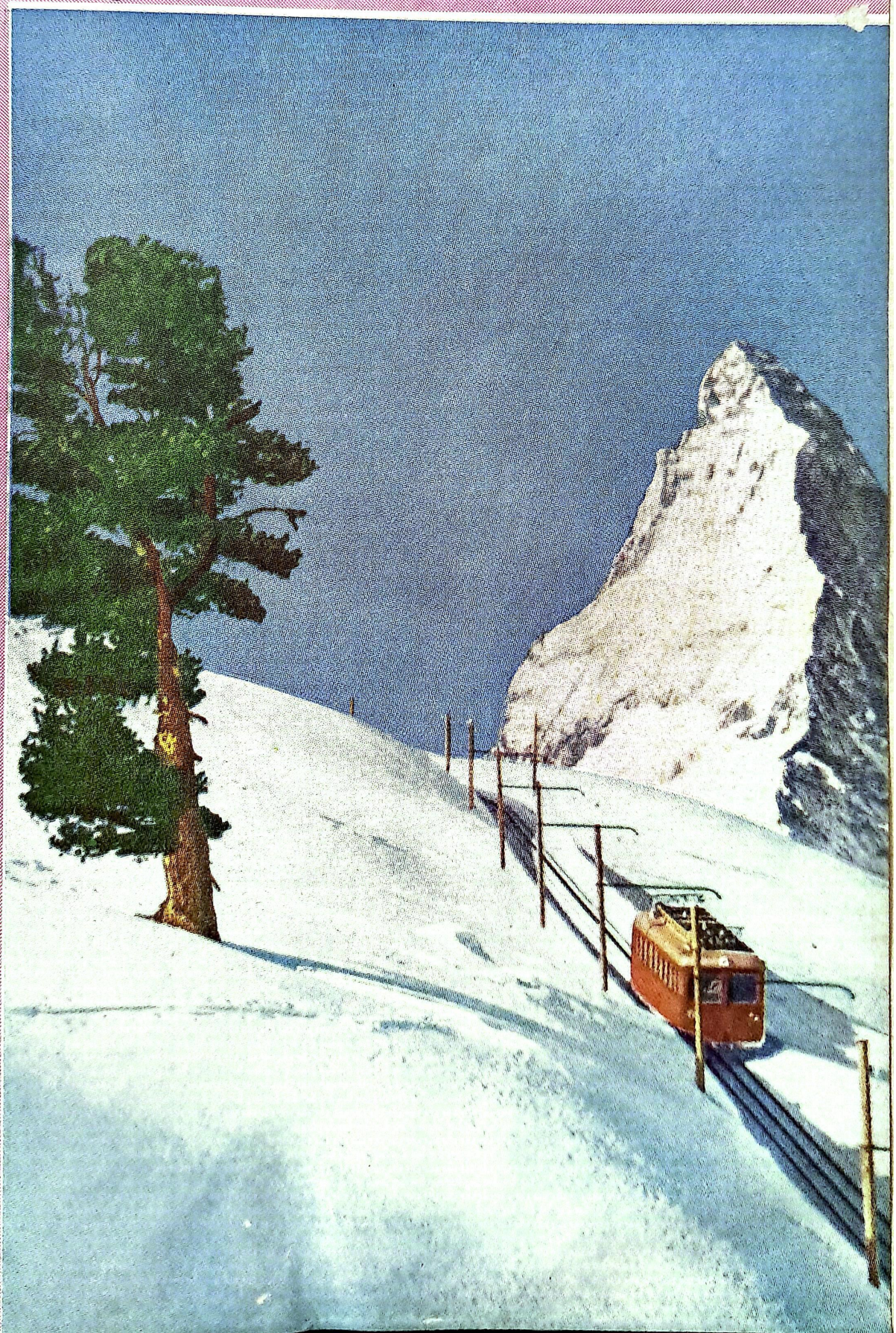
O poder do amor

*

A união das igrejas

*

Generalidades



CONSELHOS ORIENTADORES

HIGIENE MENTAL

Felicidade dos Filhos

Para a formação da personalidade, os primeiros anos de vida são os mais importantes. Então é que os pais, consciente ou inconscientemente, contribuem para que a criança se transforme num adulto mentalmente sadio ou num infeliz e mal humorado. Só praticando as regras da higiene mental poderão os pais ter filhos felizes e contentes com a vida.

"Bicho Papão"

É prejudicial o hábito de intimidar as crianças para conseguir que se alimentem, adormeçam ou deixem de fazer alguma traquinada. Geralmente, essas pessoas obtêm o desejado, assim satisfazendo seu egoísmo e comodidade, mas a criança, por sua vez, torna-se excitada e tomada de mêdo. Tal uso é, ainda, a causa de várias doenças mentais que se traduzem pelo pavor de fazer alguma coisa. Procure livrar seu filhinho de futuras doenças mentais, não consentindo de modo algum que lhe façam mêdo.

Supostos Incapazes

Muitas vêzes se exige da criança trabalho superior às possibilidades do seu desenvolvimento físico ou mental. Não obstante seus esforços e boa vontade, não consegue o êxito desejado. É levada, então, a atribuir o malôgro à sua inferioridade. Erradamente convencida de que é incapaz, desanima e acaba tornando-se mesmo pouco aproveitável ou útil. Evite que seu filho tente executar tarefas em que possa malograr, para que êle não se convença de que é incapaz ou inferior aos demais.

Justa medida

Na formação da personalidade, o procedimento ideal dos pais está sempre no meio têrmo — nem mimos exagerados, nem maus tratos; não condescender demasiado, nem reprimir em excesso. O equilíbrio é o caminho a seguir, para habituar a criança a cumprir normalmente suas obrigações e colocar-se, pouco a pouco em seu verdadeiro lugar na família e na sociedade. Procure infundir em seu filho a convicção de que deve cumprir, por si e de boa vontade, suas obrigações, dando-lhe bons exemplos e educando-o sem condescendências demasiadas e castigos excessivos.

O FIEL ORIENTADOR

Publicação da
Editôra Missionária
"A Verdade Presente"
São Paulo

Preço:

Cr$ 150,00

Distribuidores:

Pernambuco:
Av. Norte, 3 052 (Rosarinho)
RECIFE — Pe.

Goiás:
Caixa Postal 75 — Taguatinga
BRASÍLIA — DF

Caixa Postal 446
GOIÂNIA — Go.

Guanabara:
Rua Barbosa, 230 (Cascadura)
RIO DE JANEIRO, — Gb.

São Paulo:
Caixa Postal 10 007
SÃO PAULO — SP

Minas Gerais:
Av. D. Pedro II, 886
BELO HORIZONTE — MG

Paraná:
Caixa Postal 124
CURITIBA — Pr.

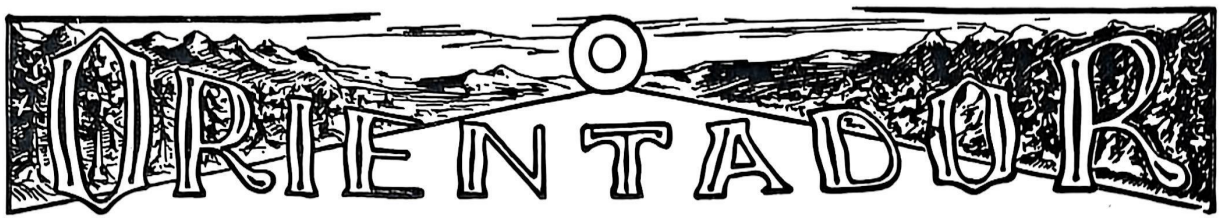
Caixa Postal 1 205
LONDRINA — Pr.

Rio Grande do Sul:
Caixa Postal, 844
PÔRTO ALEGRE — RS

Bahia:
Caixa Postal 333
SALVADOR — Ba.

Enviar-lhe-emos grátis:

Literatura que contém as indispensáveis verdades referentes à vida eterna. Peça-as à Editôra Missionária "A Verdade Presente", Caixa Postal 10 007 — São Paulo.



ANO IX | REVISTA BIMESTRAL | NÚMERO 2

Propriedade da
U. M. A. S. D. M. R. B.
Rua Tobias Barreto, 809
Tel. 93-6452 - S. Paulo - Brasil

Diretor: *André Lavrik*
Redator: *Ascendino F. Braga*

Redação, Administração e Oficinas:
Rua Amaro B. Cavalcanti, 21
Vila Matilde, S. Paulo

Correspondência à
Caixa Postal 10 007 — S. Paulo

Preço:
Cr$ 150,00

CONTEÚDO

Assuntos	Pgs.
Conselhos Orientadores ...	2
Um Nôvo Céu e uma Nova Terra	3
O Fumo, um dos Maiores Inimigos do Homem	4
O Mundo na Agonia da Incerteza	10
Qual Será a Bússola Capaz de Orientar Êste Mundo Desorientado?	14
O Poder do Amor	18
A União das Igrejas	21
Generalidades	27

"UM NÔVO CÉU E UMA NOVA TERRA"

O jardim do Éden permaneceu na Terra muito tempo depois que o homem fôra expulso de suas deleitáveis veredas. Foi permitido à raça decaída por muito tempo contemplar o lar da inocência, estando a sua entrada vedada apenas pelos anjos vigilantes. À porta do Paraíso, guardada pelo querubim, revelava-se a glória divina. Para ali iam Adão e seus filhos a fim de adorarem a Deus. Ali renovaram seus votos de obediência àquela lei, cuja transgressão os havia banido do Éden. Quando a onda de iniqüidade se propagou pelo mundo, e a impiedade dos homens determinou sua destruição por meio de um dilúvio de águas, a mão que plantara o Éden o retirou da Terra. Mas, na restauração final de tôdas as coisas, quando houver "um nôvo céu e uma nova Terra", deverá êle ser restabelecido, mais gloriosamente adornado do que no princípio.

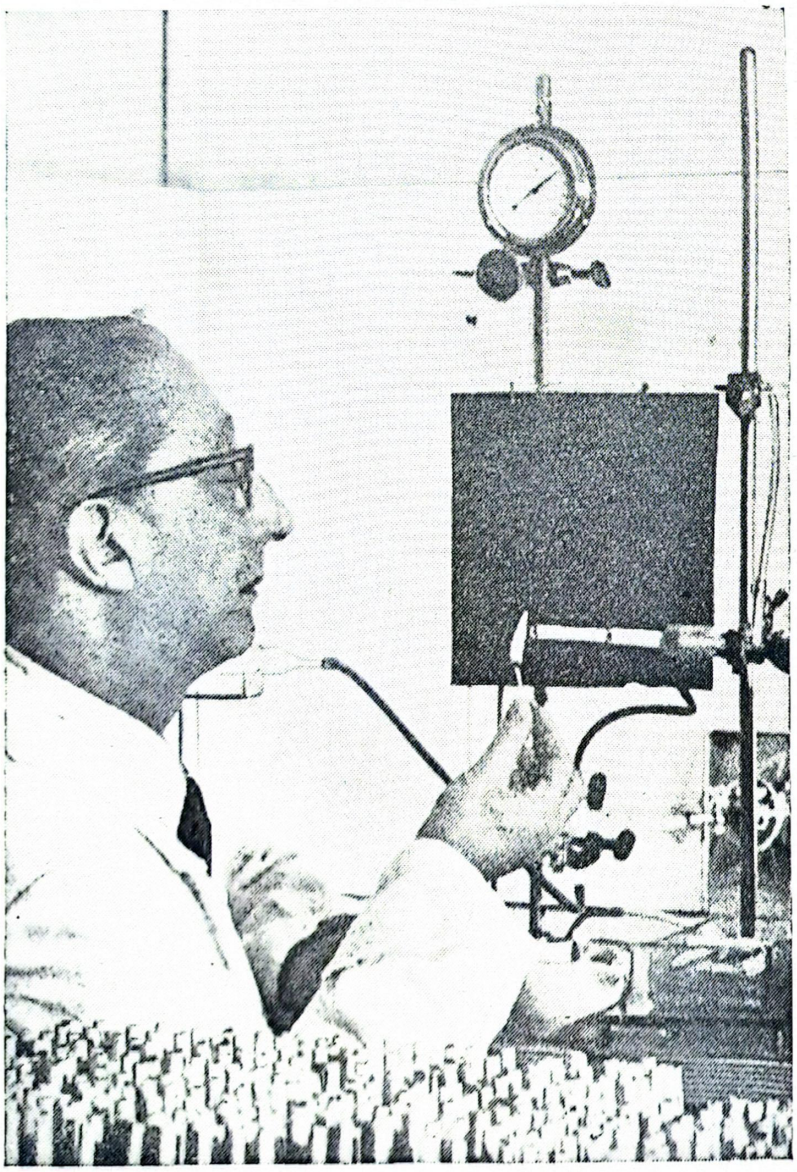
Então aquêles que guardaram os mandamentos de Deus respirarão com um vigor imortal, por sob a árvore da vida; e, através de infindáveis séculos, os habitantes dos mundos que não pecaram contemplarão no jardim de delícias um modêlo da obra perfeita da criação de Deus, intato da maldição do pecado — modêlo êste do que teria sido a Terra inteira se tão sòmente houvesse o homem cumprido o plano glorioso do Criador.

O grande plano da redenção tem como resultado trazer de nôvo o mundo ao favor de Deus, de uma maneira completa. Tudo que se perdera pelo pecado é restaurado. Não sòmente o homem é redimido, mas também a Terra, a fim de ser a eterna habitação dos obedientes. Durante seis mil anos Satanás tem lutado para manter posse da Terra. Agora se cumpre o propósito original de Deus ao criá-la. "Os santos do Altíssimo receberão o reino, e possuirão o reino para todo o sempre, e de eternidade em eternidade".

E. G. White.

O Fumo, um dos Maiores Inimigos do Homem

Por A. Balbachas



Está comprovado! O Cigarro é perigoso e pode ocasionar a morte, o câncer e outras graves enfermidades.

Em todos os centros da civilização ocultam-se quase incontáveis inimigos, alguns dos quais são tão prodigiosamente nocivos que podem causar mais dano do que uma guerra.

Entre êsses perigosos adversários do homem encontra-se o tabagismo, vício que a civilização européia tomou emprestado dos americanos, pela mão de Sir Francis Drake, no século XVI. Dois séculos mais tarde, o tabaco, provado ser um veneno para as raças brancas, puniu-as pelos danos e por tôdas as calamidades causadas por elas às tribos primitivas.

No século XX fêz-se com o fumo maior número de experiências científicas do que com qualquer outra substância.

Foram determinados, com precisão, seus efeitos nocivos sôbre a quase totalidade dos órgãos do corpo humano, inclusive sua influência maligna sôbre a mentalidade e a longevidade.

Embora freqüentemente empregado como estimulante da atividade mental, testes práticos demonstraram que o efeito fisiológico do fumo sôbre o cérebro é justamente a depressão, o mesmo acontecendo com referência aos outros órgãos.

O fumo é, realmente, um narcótico, não um excitante, embora suas vítimas persistam em crer que êle as auxilie. Na verdade, é ùnicamente um vício nocivo, que algema tôdas as funções orgânicas.

Substâncias nocivas contidas no fumo

Ninguém ignora a existência, no fumo, da nociva substância chamada *nicotina*. Mas poucos sabem quantas outras substâncias nocivas ainda se encontram no fumo.

Entre 19 substâncias registradas nos Estados Unidos e publicados no *British Medical Journal*, algumas são tão maléficas que, mesmo em pequenas doses, provocam no fumante efeitos tóxicos sôbre o coração, fígado, pulmões, rins e outros órgãos.

Uma dessas substâncias é o furfurol, que em dose mínima produz vertigens, tremores e contrações nervosas e, em doses maiores, provoca convulsões ou paralisia.

O furfurol também causa grande irritação na mucosa da laringe.

No fumo encontra-se, também, o monóxido de carbono em apreciável quantidade. Êsse gás combina-se com a hemoglobina do sangue, impedindo-a de fixar o oxigênio indispensável à vida, de modo a causar uma asfixia parcial.

Outra substância muito nociva, encontrada no fumo, é o alcatrão, causador do câncer.

Os maus efeitos do fumo

Hoje em dia conhecemos o efeito tóxico da nicotina, mas êsses conhecimentos não permitem, ainda, a compreensão do perigo em tôda a sua extensão.

Fumar num quarto fechado é mais prejudicial do que fumar ao ar livre. Sendo pequeno o quarto, mal ventilado e ocupado por crianças, o perigo é muito maior.

Em interessantes estudos, médicos americanos constataram a influência maligna da nicotina sôbre o pêso e o crescimento dos jovens. Certos distúrbios orgânicos, verificados em jovens de 19 a 20 anos, foram atribuídos sòmente ao uso do fumo.

Os distúrbios podem ser, no comêço, imperceptíveis, mas conduzem traiçoeiramente as suas vítimas a uma disfunsão orgânica geral. Doenças do fígado, das glândulas endócrinas, do estômago, modificações cancerosas no tubo digestivo, etc., são apenas alguns dos prejuízos diretos ou indiretos determinados pelo uso do fumo.

A nicotina, introduzida no sangue pelo hábito de tragar, opera no fumante crônico graves modificações anatômicas: diminuição da capacidade física e mental; impotência; perturbações digestivas, respiratórias, visuais, auditivas; dilatação dos vasos; aceleração do pulso; alteração da pressão arterial, resultando desta última, muitas vêzes, a dilatação aguda das artérias e até a hemorragia cerebral. No fumante crônico manifesta-se o excesso da nicotina sob a forma de furunculose, gangrena, dor nos pés e distúrbios gástricos. O aparelho digestivo não está mais em condições de exercer suas funções para

garantir o adequado aproveitamento dos alimentos.

O Pr. Pearl, do Hospital John Hopkins, procedeu a muitos estudos estatísticos sôbre a ação do tabaco na destruição da saúde do homem. Os Drs. James J. Short, Harry J. Jornson e Harold Ley Jr. examinaram, sob o ponto de vista dos efeitos do fumo, 2.031 pessoas, homens e mulheres, umas abstinentes, outras não.

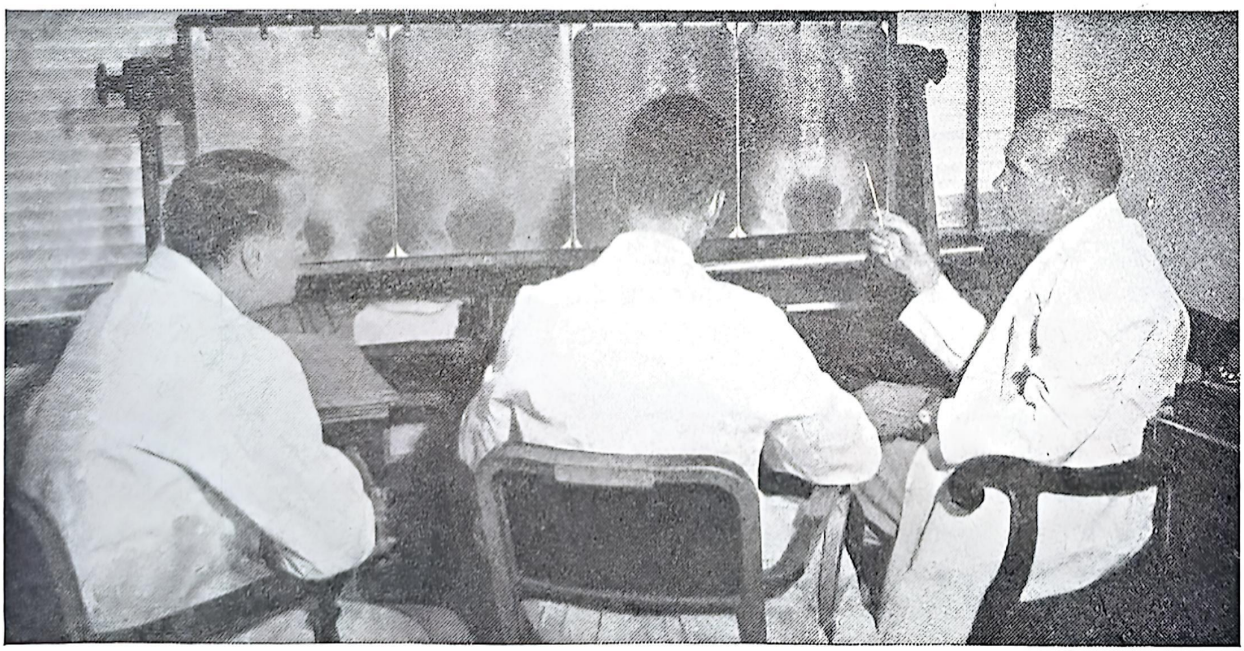
Entre os pacientes, o número dos que usavam o tabaco habitualmente foi de 1292, ou seja 63,7%, os abstinentes foram 496, ou 24,4%; 104, ou 5,1%, fumavam ocasionalmente; e 139, ou 6,8%, haviam feito uso do fumo, sendo, agora, abstinentes.

Eis, pois, o quadro da incidência de várias moléstias entre os tabagistas: irritação no nariz e na garganta, 167; tosse, 300; resfriados, 65; palpitação, 50; dores précordiais, 73; dificuldades de respiração, 140; cardialgia, 100; diversas perturbações digestivas, 112; nervosismo, 76: pré-sístole, 50; sôpro sistólico do coração, 27.

Verificou que há, pelo menos, um fato perfeitamente estabelecido, e muito importante, com relação aos efeitos do fumo sôbre o organismo do homem, o qual fato pode, por sua vez, explicar certos sintomas até agora mal compreendidos. Vejamos:

A fisiologia ensina que há duas espécies de nervos que alimentam os vasos sanguíneos: os vaso-dilatadores (que fazem as pessoas corar) e os vaso-constritores (que provocam o empalidecimento). Ora, a nicotina estimula em todo fumante os nervos vaso-constritores, determinando uma diminuição da circulação do sangue em diferentes partes do corpo. Êsse fato foi perfeitamente demonstrado por meio de experiências científicas, realizadas em sêres humanos, pelas quais se observou que, em casos extremos, aparecem áreas gangrenadas, de vários tamanhos, em certas partes dos pés, notadamente nos dedos. Conseqüências muito sérias podem seguir-se, tais como a amputação dos dedos do pé e da própria perna. Êsse estado é conhecido como *thrombo-angiitis-obliterans* ou como *doença de Buerger*, nome do primeiro cientista que se ocupou com a patologia dêsse fenômeno.

Embora não se tenha ainda chegado a uma conclusão definitiva sôbre se o fumo é a causa direta da *thrombo-angiitis-obliterans* ou se apenas predispõe o organismo para



"A nicotina introduzida no sangue pelo hábito de tragar, opera no fumante crônico graves modificações anatômicas".

o mal, está fora de dúvida que o fumo é um fator de destaque no aparecimento dessa moléstia.

Essa moléstia só ocorre entre fumantes. Silbert, observando 1.000 casos consecutivos, não a encontrou em nenhum abstinente.

As lesões causadas por essa enfermidade não se cicatrizam enquanto o paciente não abandona o fumo e retornam ràpidamente se o vício é reiniciado, mesmo meses depois de ter sido verificada a cura.

Certas autoridades acreditam que essa doença ataca principalmente os que são sensíveis ou alérgicos ao fumo. Outras, entretanto, como os Drs. F. Howard Westcott e Irving S. Wrigth, da Faculdade de Medicina de Nova York, creêm que essa doença não é devida a nenhuma sensibilidade individual, particularizada.

Aparecendo, pois, o mal, a primeira coisa que o doente deve fazer é deixar o uso do tabaco, de uma vez para sempre. Os que, depois de conseguirem alta no hospital, voltam à prática do vício, tornam também a padecer do mal, como já dissemos.

Qual será a quantidade de nicotina necessária para provocar no organismo uma vaso-constrição capaz de produzir áreas gangrenadas, grandes ou pequenas? Em outras palavras, quantos cigarros, charutos, etc., provocarão a doença de Buerger?

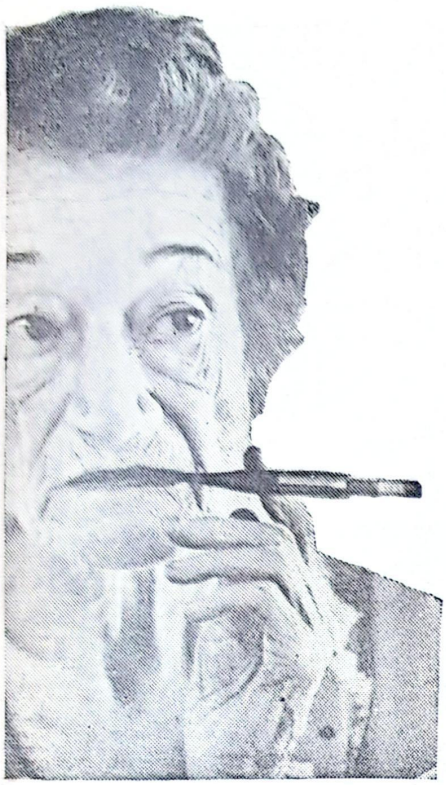
"Cuidado! É perigoso para a saúde".

Infelizmente essa pergunta não pode ser respondida com exatidão, porque o que constitui moderação no fumo para uns pode constituir excesso para outros.

Nenhum fumante está imunizado contra os efeitos do fumo, mas, infelizmente, muitos só se convencem disso quando lhes é dado verificar o aparecimento de manchas escuras nos pés e, às vêzes, nos dedos das mãos.

Às vêzes o sintoma principal é a sensação de frios nos dedos dos pés e das mãos. Com efeito, as experiências feitas mostram que, nos doentes, a temperatura nas extremidades é mais baixa que no resto do corpo.

Um dos sintomas freqüentes dessa moléstia é a cãibra nas pernas, que o fumante pode equivocadamente atribuir aos sapatos apertados ou aos pés chatos.



A velhice precoce também é uma das conseqüências do hábito de fumar.

Não é sem razão que o treinador proíbe os atletas de fumar, pois, por experiência, sabe quanto as perfeitas condições físicas de um atleta dependem da boa irrigação sanguínea dos pulmões e dos órgãos digestivos.

Todo ex-fumante dirá que se sente muito melhor desde que abandonou o uso do fumo, e que nota acentuada melhora nas funções digestivas. A digestão se normaliza quando o estômago e os intestinos são perfeitamente irrigados. Em muitos casos o fumante, só depois de abandonar o hábito de fumar, percebe que existiu deficiência digestiva.

O fumo e a capacidade do indivíduo

A nicotina é um forte veneno para as células. Uma gôta é suficiente para matar um cão e um quarto de gôta produz igual efeito em um coelho. Para que um não-fumante apresente todos os sintomas de envenenamento, é bastante que absorva um ou dois miligramas de nicotina.

Não há dúvida de que o consumo da nicotina tem como conseqüência a redução da capacidade do indivíduo. A êsse respeito, Lickint realizou, em jovens, interessantíssima pesquisas. Uma estatística por êle organizada, indica o seguinte: Fumantes até 14 anos: 6 a 7%, diminuição da capacidade 6 a 7%; fumantes até 18 anos 61%, diminuição da capacidade 21%.

No tragar o viciado introduz no organismo oito vêzes mais nicotina que no simples fumar.

Experiência realizada sôbre o efeito de um charuto comum, indicam que a nicotina do mesmo reduz de mais ou menos 15% a fôrça muscular.

A nicotina é um forte veneno para o sistema nervoso, e as conseqüências de seu uso são, entre outras: falta de firmeza no andar dos fumantes crônicos, mãos trêmulas, extrema sensibilidade dos nervos, sensações de susto, falta de energia, falta de memória, insônia, perturbações psíquicas, etc.

Sabemos também que a vista corre perigo, assim como temos provas da influência maligna da nicotina sôbre o ouvido.

A cor pálida, amarelada, e a pele murcha de mulheres jovens que fumam, por que os caprichos da moda o exigem e porque a propaganda sem escrúpulos o anima, são devidos, diretamente, à influência prejudicial da nicotina sôbre a saúde. Constantemente absorvida, retém o desenvolvimento físico e mental dos jovens, e diminui-lhes a fôrça de vontade.

O fumo e a reserva vital

O organismo humano é, em regra, dotado de larga margem de segurança. Nosso corpo não foi construído com economia de material, quer pela quantidade, quer pela qualidade.

Temos, por exemplo, dois rins. Podemos viver com um dêles apenas, mas já não conseguimos viver tanto. Um juiz que precisou tirar um rim quando já na idade madura apenas sobreviveu poucos anos à operação. Perdeu, pelo menos, doze anos de vida, quando foi forçado a sacrificar um dos rins.

Muitas pessoas têm sobrevivido com mais de metade da glândula tireoide retirada. Os cães ainda podem viver depois de haver perdido metade do fígado ou do pâncreas. O estômago e também o cólon têm sido retirados em muitos casos e mesmo quase metade do intestino delgado, sem resultado fatais imediatos.

Os rins dispõem de uma reserva tão ampla quando novos, que, dos quatro milhões

de filtros microscópicos que os compõem, apenas a décima parte trabalha de cada vez, enquanto o resto descansa, ficando em reserva para uma emergência.

Êsse é o motivo por que muitos fumantes, durante anos seguidos, absorvem grandes doses de nicotina, sem sentirem, imediatamente, os respectivos efeitos maléficos. Mas a situação que êles criam obriga tôdas as reservas a estar sempre em movimento. Não tendo oportunidade de repousar e de se reconstituir, elas se gastam antes do tempo. E a atividade reduzida dos filtros dos rins provoca pressão alta, diminuindo a duração da vida.

O fumo, o álcool e a alimentação excessiva, como também qualquer outro exagêro, encurtam a vida ou pelo menos, trazem velhice prematura.

A reserva vital é o que de mais precioso possuímos. Tem mais valor que o ouro e as pedras preciosas, por que não pode ser adquirida por preço algum. Uma vez gasta, está irremediàvelmente perdida.

Guerra ao tabagismo

Os EE UU estão alarmados com os danos causados à saúde pública pelo cigarro. Recentemente, uma comissão de dez técnicos e cientistas deram a conhecer seu veredito sôbre os efeitos do cigarro no corpo humano. O relatório a respeito contém 175 mil palavras, condenando enèrgicamente o vício de fumar .

Acredita-se que brevemente será aprovada uma lei federal proibindo o fumo, ou, pelo menos, restringindo o seu consumo. Deputados já apresentaram um projeto obrigando os fabricantes a colocar em todos os maços um aviso contra o perigo contido no cigarro. A frase proposta é a seguinte: "Cuidado! É perigoso para a saúde!" Por outro lado intensifica-se a campanha em favor de um melhor contrôle governamental sôbre a publicidade a respeito do cigarro.

Na Inglaterra, a campanha promovida pelo govêrno contra o fumo, que, segundo os médicos, é a causa principal do câncer nos pulmões, entrou em fase de execução: foram afixados pelo Ministério da Saúde cartazes que visam persuadir o cidadão londrino a largar de vez o vício.

Um dêsses cartazes mostra as porcentagens de mortes causadas pelo câncer nos pulmões: 5 303 no ano de 1940 e 25 288 no ano de 1961. Outro cartaz mostra um gráfico comparativo do aumento de casos de câncer com o aumento da produção e venda de cigarros no mercado inglês.

Na Itália, verifica-se uma diminuição na venda de cigarros depois da publicação, nos Estados Unidos, do "Informe Terry" sôbre o câncer causado pelo fumo. Publicaram-se estatísticas em vá rias cidades sôbre a porcentagem de mortes ocorridas em 1963 e, segundo elas, os peritos italianos acham que o escapamento de gás dos automóveis e a nevoa urbana são aliados do fumo dos cigarros na gênese do câncer do pulmão. Revelam também que em Turim, cidade industrial de muitos fumantes, os óbitos por câncer atingiram 19,6%, ao passo que em Veneza, onde pràticamente não há indústrias nem circulação de veículos, mas muitos fumantes, as mortes por câncer alcançaram 20,6%.

Os EE UU acabam de tomar, contra o fumo, medidas nunca dantes adotadas. Eis a notícia publicada por "O Globo", do Rio de Janeiro, a 25/6/64:

"Os cigarros dos EUA terão de condenar o vício... A Comissão Federal de Comércio expediu ontem uma regulamentação exigindo que os rótulos e a publicidade dos cigarros informem ao público de que fumar cigarros é perigoso e pode ocasionar a morte, o câncer e outras doenças. A regulamentação diz que é uma prática injusta e enganadora por parte de um fabricante não revelar, clara e destacadamente, em tôda a publicidade e em cada pacote, caixa ou qualquer outro envoltório utilizado para a venda de cigarros, de que fumar é um perigo para a saúde. A comissão ordenou que os rótulos dos

Cont. na pág. 26.

O MUNDO NA AGONIA DA INCERTEZA

O mundo se contorce em agonia, nas garras da incerteza.

A espada de Dámocles — freqüentemente referida pelos estadistas — paira sôbre a atual civilização.

Por ter falado indiscretamente a Dionísio, rei tirano de Siracusa, Dámocles foi ameaçado de morte imediata. É que o cortesão tomara a liberdade de criticar o seu senhor, salientando a vaidade da sua grandeza, pelo que êste o condenou a sentar-se numa cadeira, sob uma espada desembainhada, pensa por um fio de cabelo, e pronta a despencar de ponta sôbre êle. Êsse fato, narrado por Homero e Cícero, costuma ser invocado para ilustrar o perigo iminente em que se acha a humanidade.

Para termos uma visão panorâmica da atual situação social, econômica e política do mundo, basta lançarmos um olhar aos vários continentes.

Na África e na Ásia, vivem em abjeta miséria milhões de sêres humanos, de diferentes raças e côres, que, instigados por uma ideologia contrária à civilização cristã, e agitados pelo veemente e incontido desejo de quebrar os grilhões da dominação do homem branco, vêm dando vasão aos seus sentimentos, o que se vê na crescente emancipação dêsses povos, cujo clamor, como se inspirado na famosa máxima de Monroe, é: "A África para os africanos", "A Ásia para os asiáticos.

No Oriente Próximo, onde se manifesta intenso ódio entre Israel e os Estados Árabes, encontram-se as mais ricas jazidas petrolíferas do globo terrestre, cobiçadas, naturalmente, pelas maiores potências que disputam o domínio do mundo.

Outro objeto de cobiça no Próximo Oriente é o Mar Morto, rica fonte de inúmeros produtos químicos mui valiosos para a guerra.

Naquela parte do mundo também se encontram duas importantes portas de comunicação: (1) o estreito dos Dardanelos, que liga o Mediterrâneo ao Mar Negro, e o canal de Suez, que é a chave do contacto marítimo entre o Ocidente e o Oriente. Mais um objeto de cobiça!

O Oriente Próximo está, pois, vivendo sôbre um barril de pólvora, pronto para explodir a qualquer momento.

Na América Latina o rádio e a imprensa denunciam a crescente infiltração comunista.

O panorama político do mundo apresenta-se, em linhas gerais, assim: De um lado o Oriente, encabeçado pelo comunismo, com a sua ideologia materialista; do outro lado, o Ocidente, representado pela civilização cristã, esforçando-se para salvaguardar as suas heranças.

Ambos os blocos em que se divide o mundo levantam com uma mão a bandeira branca da paz e com outra mão as modernas armas nucleares.

Desde que, a 6-8-45, o homem transpos o limiar da era atômica, o átomo vem sendo o pesadêlo do século XX... Enquanto uns poucos vêem nêle o augúrio de uma idade de progressos inauditos, a maioria vê nêle o presságio de um drama funesto,

que será o epílogo da história da humanidade, a menos que Deus intervenha miraculosamente para salvar o mundo da destruição iminente por que se vê ameaçado.

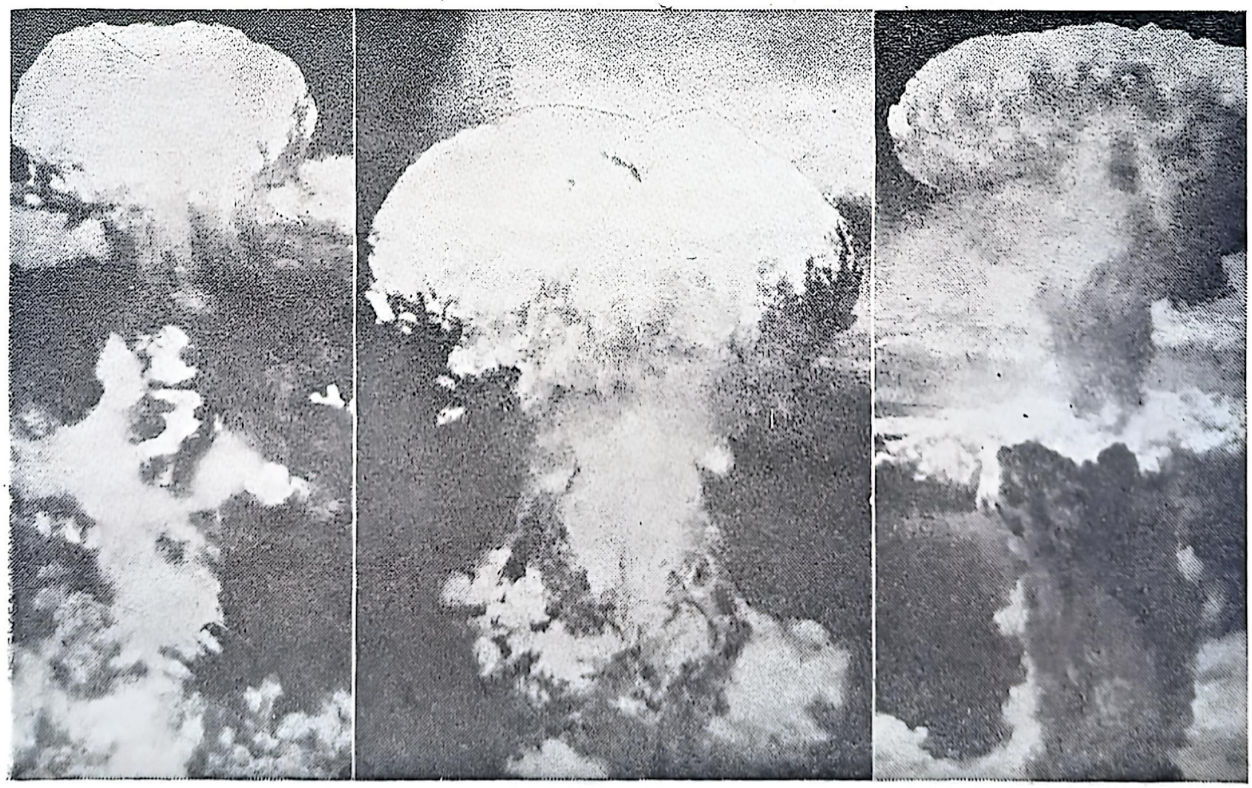
O temor do átomo está-se generalizando. O mundo vive, por assim dizer, numa psicológica câmara de horrores. Tôda vez que se abre a porta do laboratório, a espantada humanidade está pronta para pular diante das novas façanhas dos sacerdotes da Ciência.

Jesus Cristo, com olhos proféticos, viu a atual condição do mundo, quando disse: "E haverá sinais no sol e na lua e nas estrêlas; e na terra angústia das nações, em perplexidade pelo bramido do mar e das ondas. Homens desmaiando de terror, na expectação das coisas que sobrevirão ao mundo. Porquanto as virtudes do céu serão abaladas" Lc 21:25, 26.

A imprensa e o rádio virtualmente repetem as palavras de Jesus Cristo, ao descreverem a atual situação da humanidade.

Um editorial do *Evening Star*, de Washington, disse há não muito tempo, o seguinte: "Vamos ser francos conosco mesmos. Se fôssemos sujeitados a um assalto total com armas nucleares e termonucleares transportadas por bombardeiros supersônicos ou foguetes de longo alcance, ou por ambos, que restaria de nós? Não muito, se é que alguma coisa restasse... O homem, em suma, precisa desaprender de guerrear, ou se destruirá a si mesmo mais depressa do que pensa".

A bomba atômica lançada sôbre o Japão em 1945 tinha um valor explosivo de 20 quilotons. Mas agora se fala em bombas nucleares de 50 a 100 megatons. Um quiloton equivale a mil toneladas de TNT; um megaton equivale a um milhão de toneladas de TNT. Ora, o total da carga explosiva empregada na 2.ª guerra foi de 6 megatons. Qual será, pois o poder explosivo de uma dessas bombas modernas, de 50 ou 100 megatons? E qual será o efeito de centenas ou milhares dessas bombas, detonadas de lado a lado, em caso de guerra?



Três aspectos da explosão da bomba atômica lançada sôbre Nagazaki, Japão, por ocasião da guerra em 1945, cujo resultado foi a destruição completa dessa próspera cidade. Desde então, a humanidade tem-se mantido sobressaltada diante do perigo de uma guerra nuclear que, naturalmente, varreria a espécie humana da face da terra.

Bem disse Bernard M. Baruch, quando servia como presidente da Comissão de Energia Atômica das Nações Unidas: "Temos que escolher entre a paz e a destruição do mundo".

O perigo a cuja borda chegou o mundo foi claramente referido pelo papa Pio XII: "Cada um dos dois grupos em que a família humana está dividida tolera o outro porque não deseja perecer ... Cada um dos dois grupos sofre sob o temor do poder militar e econômico do outro. Da parte de ambos há uma grave apreensão quanto aos efeitos catastróficos das armas recentes".

O que há de mais incerto para o mundo é o dia de amanhã. Respiramos, humanamente falando, a própria atmosfera angustiante da incerteza.

Haverá solução? Se houver, donde virá? Do Oriente? Do Ocidente? da ONU? Do Concílio Mundial das igrejas? Do Vaticano? De outra parte?

Do Oriente não virá solução, porque:

1. Encontra decidida oposição do bloco contrário;

2. Não sabe apresentar uma fórmula aceitável para solver os problemas da humanidade.

Do Ocidente também não virá solução, pelos mesmos dois motivos.

Após o término da primeira guerra mundial, tentou-se organizar a paz no mundo mediante a criação da Liga

Os africanos não vêm com bons olhos a dominação do homem branco e ameaçadoras são as perspectivas para os europeus.

das Nações. Mas êsse nobre esfôrço terminou em fracasso. Continuam, porém, acreditando muitos políticos que o princípio básico para a solução do problema da paz é a cooperação entre os Estados, que devem criar um organismo de caráter internacional que torne pràticamente impossível o reinado da anarquia entre os povos, sob a condição, naturalmente, de que as nações renunciem, pelo menos em parte, à sua soberania. Foi com êsse propósito que se formou, como último intento de estabelecer a paz mundial, a Organização das Nações Unidas.

Mas a ONU tão pouco será capaz de salvar o mundo, e, como seus predecessores — a defunta Liga das Nações e o extinto Palácio da Paz em Haia — está fadada ao fracasso, porque não resolve senão questões de somenos importância, de vez que os líderes das nações que a integram não se entendem entre si nem estão dispostos a submeter a êsse organismo os problemas mais graves.

Disse um delegado dessa organização: "Há intermináveis debates e nenhuma solução. Estamos andando às apalpadelas nas trevas, sem saber o caminho".

Outro, referindo-se aos debates, disse: "Tenho a impressão de estar numa instituição mental".

O Concílio Mundial das Igrejas e o Vaticano, ainda que conjuguem suas fôrças e unam os cristãos sob uma só bandeira, também não conseguirão estabelecer a paz e afastar o perigo iminente, pois a História mostra que nunca houve tanta opressão, tanta injustiça, tanto descontentamento, tanto derramamento de sangue, proporcio-

nalmente, como durante o período da supremacia da Igreja que foi impotente para impedir as muitas guerras e revoluções que se registraram no decorrer dos séculos, merecendo menção especial a Revolução Francesa. Uma estatística diz que, durante 300 anos, de 1618 a 1918, houve 1700 conflitos armados.

Dizem muitos que a ameaça à segurança do mundo reside na existência da bomba de hidrogênio, e preconizam, como medida para pôr a guerra fora da lei, a imediata destruição das armas nucleares. Mas não é a existência das armas nucleares, e, sim, a maldade do homem que põe em perigo a paz mundial. Se o coração humano passasse por uma operação que resultasse na extração de tôda a maldade (Mc 7:21, 22) que nêle existe, as bombas atômicas e de hidrogênio poderiam acumular-se aos montões em cada país, sem jamais constituírem uma ameaça à paz do mundo. Enquanto, porém, o coração do homem fôr mau, não haverá paz na Terra, simplesmente porque "os ímpios, diz o Senhor, não têm paz" (Is 57:21). Os homens, nessas condições, guerrearão sempre. Se não tiverem armas nucleares, empregarão bombas da TNT. Na falta destas, usarão rifles. Se êstes também lhes fôrem tirados, farão uso de cacêtes. Na ausência dêstes, lutarão com os punhos. Se êstes lhes fôrem atados, brigarão, talvez, com os dentes. Se os dentes lhes forem arrancados, não sabemos com o que hão de pelejar, mas sabemos que hão de guerrear sempre porque são maus. A guerra continuará enquanto persistir a maldade no coração do homem. Não é possível acabar com o efeito enquanto não se remove a causa.

O desejo de organizar um mundo pacífico data da mais remota antigüidade.

Desde a Idade Antiga muitos homens sonharam com o advento de uma era de paz, com a demolição das paredes separatórias existentes entre as classes, com o nivelamento das camadas sociais, com a aproximação e o entendimento dos povos, com a união das igrejas, com o estabelecimento de um govêrno central para tôdas as nações, e com outros meios.

Filósofos e estadistas empregaram seus melhores esforços para êsse fim. Platão, em suas obras "A República" e "Atlântida"; Santo Agostinho em sua "De Civitade Dei"; Crocio em sua "De Jure Belli ao Pacis"; Thomas More em sua "Utopia"; Tommaso Campanella em sua "Civitas Solis"; Kant em "A Paz Perpétua"; Karl Marx em "O Capital", e muitos outros, trataram dêsse problema, preconizando fórmulas diversas. Na ordem prática, empregaram-se diversos sistemas, como a hegemonia, isto é, a preponderância de um povo entre outros povos; as alianças entre as nações; os casamentos entre as famílias reais; o equilíbrio das fôrças; a redução dos armamentos; o estabelecimento de novos sistemas social-político-econômicos; etc. Mas todos êsses passos se mostraram infrutíferos.

O gen. Douglas Mac Arthur, a bordo do couraçado "Missouri", na baía de Tóquio, quando na rendição do Japão, pronunciou, a 2-9-45, um eloqüente discurso, durante o qual disse:

"Desde o princípio do mundo, o homem tem lutado pela paz. No decorrer dos tempos têm experimentado diversos processos internacionais, no sentido de evitar as lutas entre as nações ou para evitar as desinteligências. Desde os primeiros instantes, encontraram meios práticos no que diz respeito aos cidadãos, individualmente, mas jamais conseguiram uma fórmula satisfatória para resolver os problemas internacionais.

"As alianças militares, o equilíbrio das potências, a Liga das Nações, tudo fracassou, deixando como único caminho a seguir o recurso da guerra.

"A espantosa fôrça destruidora da guerra elimina agora esta alternativa. Tivemos nossa última oportunidade. Se não organizarmos um sistema mais nobre e mais equitativo, produzir-se-á um choque definitivo entre as fôrças do bem e as do mal".

Cont. na pág. 26

Nos tempos primitivos, as viagens marítimas eram prenhes de dificuldades e perigos. Os marinheiros não tinham bússola; orientavam-se pela posição do Sol e das estrêlas, e, quando êstes corpos celestes não apareciam, muitas vêzes perdiam o rumo.

Finda a Idade Média com a tomada de Constantinopla pelos turcos em 1453, a arte da navegação experimentou notável desenvolvimento. Em primeiro lugar, verificou-se a utilização da bússola, baseada na propriedade que tem uma barra fina de ferro imantado, bem centrada e em repouso sôbre um pino, de tomar a direção do meridiano magnético. Sua invenção é atribuída aos chineses, e sua transmissão aos europeus se deve aos árabes, que já a empregavam no século XIII. Coube, porém, ao italiano Flávio Gioia fabricar a primeira bússola pròpriamente dita, montando a agulha sôbre um eixo, dentro de um estojo especial. Girolamo Cardano, matemático, médico, filósofo e astrônomo italiano, aperfeiçoou grandemente êsse invento.

Os marinheiros podiam agora aventurar-se em pleno oceano, sem receio de perder o rumo.

Em segundo lugar, foi introduzido o astrolábio, tido como o mais antigo instrumento científico, cuja invenção se deve a Hiparco (150 a. C.) ou a Apolônio de Perga (240 a. C.). Consistia num disco fielmente balanceado, suspenso por um anel e provido de uma alinidade rotativa. Servia para determinar as altitudes dos astros, em base das quais se calculava a latitude e se verificava a posição do navio em qualquer parte do mundo.

Graças ao sábio emprêgo de tais invenções, os intrépidos navegadores portugueses, espanhois, holandeses, ingleses e franceses puderam atravessar o Atlântico, o Índico e o Pacífico, inaugurando o período das grandes navegações.

No século XVIII, o astrolábio foi eficazmente substituído pela sextante, inventada em 1731 pelo físico inglês John Hadley, o que trouxe mais uma conquista para a arte da navegação.

As viagens por mar, todavia, estavam ainda longe de poderem ser considerados como empreedimentos seguros, e todos conheciam os riscos a que se expunham os que a tais viagens se aventuravam.

Conta-se a emocionante história de um navio colhido por um grande temporal, nas costas da Inglaterra, num lugar muito perigoso, cheio de recifes. O barco, lançado contra os penhascos, se espatifa e vai a pique. Os tripulantes se agarram aos rochedos à espera de socorro. No dia seguinte os náufragos são recolhidos nos botes de um navio de pesca.

O navio atraca, e a população, informada do acontecido, curiosa, pergunta:

— Foram salvos todos os tripulantes?

Qual Será Capaz de Êste Mundo ?

"Êste mundo muito se assemelha
Pilôto, à merc[illegible]as o[illegible]

Bússola

Orientar

Desorientado

a um barco sem bússola e sem las, estes a sossobrar".

— Todos, menos um, responde o mestre de bordo. — Não nos foi possível demorar-nos mais, explica êle. O mar estava enfurecido, as vagas ameaçavam tragar-nos, os nossos homens se sentiam em extremo cansados, e se nos tivéssemos demorado mais cinco minutos, teríamos morrido nós e êle.

Dentre o povo que se acha no pôrto, em meio à vozearia geral, ressoa o grito de um jovem corajoso:

— Quem quer ir comigo salvar o homem faltante?

Quem faz o apêlo é um moço conhecido como João Marinheiro.

Logo se apresentam diversos rapazes tão corajosos como êle, e, estando prontos para fazer-se ao mar, aparece a mãe de João Marinheiro, abraça-o e suplica-lhe:

— Meu filho, não vás. Não me deixes completamente desfilhada e entregue a miséria. Teu pai morreu no mar quando eras pequeno. Teu irmão Guilherme tomou um barco há cinco anos e nunca mais voltou. Certamente morreu também. Tu és o único filho que agora me resta. Queres deixar-me sòzinha e abandonada?

João Marinheiro desvencilha-se dos braços da aflita mãezinha, despede-se dela carinhosamente com um beijo nas faces enrugadas, entregando-a aos cuidados de um velho amigo e parte com seus colegas.

Com muita dificuldade e perigo conseguem abordar os rochedos onde deve estar o náufrago. Olham em redor e nada vêem. Chamam em voz alta a ver se há sinal de vida, e não ouvem resposta. Finalmente avistam o vulto do homem sôbre uma penha. Recolhem-no desfalecido de frio, sede e fome. Dão-lhe bebida quente, aplicam-lhe massagens e, quando já reanimado, oferecem-lhe de comer.

Dois dias depois, ao cair da noite, o barco se aproxima do pôrto, onde grande número de pessoas aguarda o resultado. De certa distância os heróis ouvem os gritos.

— Como foi? Deu para salvar o homem?

— O homem está salvo, respondè João, da proa do barco, e grita para aquêle seu amigo a quem confiara o cuidado da sua mãe:

— Corre e dize à mamãe que o náufrago que salvamos é o meu irmão Guilherme.

Êste mundo muito se assemelha a um barco sem bússola e sem piloto, à merce das ondas, e prestes a soçobrar. Os homens perderam o rumo e, a menos que adotem a bússola que necessitam e tomem o Piloto que não podem dispensar, sofrerão naufrágio na certa, sem haver quem os socorra. A desorientação dos homens provém da sua rebelião contra Deus. Vejamos:

Deus forma o Universo cheio de estrêlas, planêtas e satélites; o homem, insatisfeito, envia ao espaço satélites artificiais.

Deus constrói êste mundo para habitação dos homens;

êles procuram alcançar outros planêtas.

Deus cria os homens, declarando-Se seu Pai; êles, porém, degradam a dignidade da sua origem, declarando-se filhos do macaco ou de algum animal simiesco, e buscam seu suposto pai comum no vale Neandertal, em Java, em Heidelberg, em Piltdown, em Pequim, em Dordogne, etc.

Deus dá ao homem a espôsa (Gn 2:24; Mt 19:4, 5); o homem busca concubinas.

Deus quer dar filhos ao homem; o homem prefere criar cachorros e gatos.

Deus dá ao homem, para o seu sustento, os saudáveis produtos naturais da Terra: frutas, hortaliças, etc. (Gn 2:29; Sl 104:14); o homem prefere comer, muitas vêzes em estado de avançada putrefação, cadáveres comprados no açougue ou na peixaria (Sl 78:27-31; 106:14, 15; I Co 10:5-11; Is 22:12-14; Rm 14:21; Pv 23:20).

Deus dá aos homens bênçãos na cana de açúcar, na uva, nos cereais, etc.; os homens transformam as bênçãos em maldições ao converterem a cana em cachaça, a uva em vinho, os cereais em whisky, etc.

Deus dá ao homem ar puro para respirar; o homem o torna pestilento e mortífero com a fumaça de cigarro.

Deus oferece ao homem a saúde na estrita obediência às leis da Natureza; o homem prefere colher a doença na extravagante desobediência a essas leis.

Deus dá aos homens fartura; êles esbanjam os dons de Deus, cometem crimes de lesa-economia e produzem a miséria.

Deus dá ao homem uma revelação de Si mesmo na fonte de água viva, a Escritura Sagrada; o homem procura dessedentar-se nas fontes corruptas e infectuosas das hipóteses humanas, dos contos, da ficção.

Deus dá ao homem uma mente para compreeder a Justiça e uma língua para falar a Verdade; o homem aprende a injustiça e profere a mentira.

Deus dá ao homem um coração para amar: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração ... Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Mt 22:37-39); o homem cultiva o ódio.

Deus ensina o perdão; o homem nutre a vingança.

Deus dá aos homens a Sua Lei moral, o Decálogo (Êx 20:3-17), cujo quarto mandamento manda guardar o sétimo dia da semana, o Sábado, desde o começo do mundo (Gn 2:3); os homens ousam mudar ou declarar anulada a Lei de Deus, e, por sua própria iniciativa, resolvem guardar o primeiro dia da semana, o Domingo.

Deus oferece ao homem a verdadeira liberdade: "Conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará" (Jo 8:32; Sl 119:142); o homem prefere, pela transgressão da Lei, acorrentar-se ao pecado e fazer-se escravo de Satanás (Rm 3:20; I Jo 3:4).

Deus mostra aos homens o caminho da paz, na obediência aos Seus Mandamentos (Is 48:18); êles escolhem, na desobediência aos Seus preceitos, a guerra com todos os seus horrores.

Deus manda dizer aos homens que, na submissão à Sua Lei, êles O honram e Êle os têm por amigos; êles preferem desonrá-lO e mostrar-Lhe inimizade, insubordinando-Se contra a Sua Lei (Rm 2:23; 8:7).

Deus, o Originador de todo o bem, põe nos homens a Sua própria imagem (Gn 1:26, 27); êles, porém, assumem a semelhança moral do originador de todo o mal (Ef 2:2).

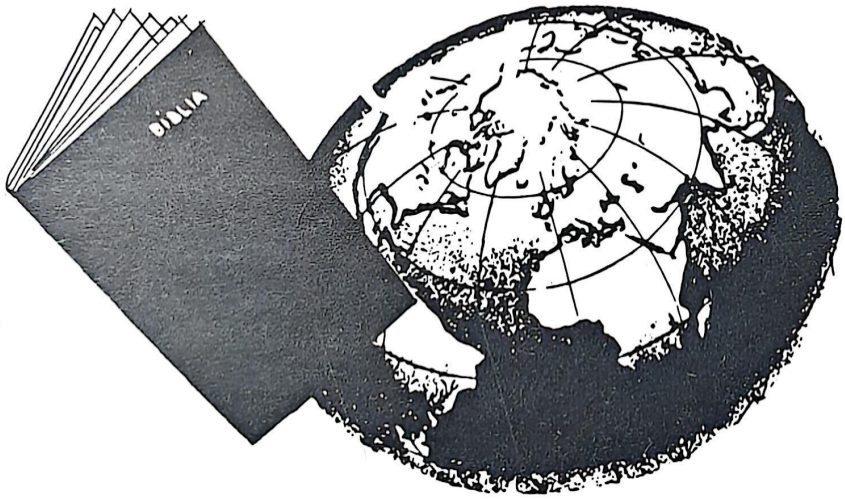
Deus propõe que o homem seja um templo para a Sua morada em Espírito (I Co 3:16, 17), para a produção dos frutos do bem: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio (Gl 5:22, 23); o homem, porém, se converte em espelunca para habitação dos demônios e produz os frutos do mal: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas, bebedices, glutonarias (Gl 5:19-21).

Deus oferece ao homem o Céu; o homem, pelo seu procedimento, escolhe o inferno.

Deus manda dizer aos que não se importam com o problema da salvação, que lhes fará "perecer no inferno a alma e o corpo" (Mt 10:28),

rão consumidos e deixarão de existir (Ap 20:9; Ml 4:1-3; Ob 16; Sl 37:10, 20). Mas isso só será no mundo vindouro. Os homens, todavia, já neste mundo estabelecem um inferno, como se, impacientes com a demora, quisessem antecipar a chegada do dia do final ajuste de contas com o Deus de todo o Universo (At 17:31; II Pe 2:9; Rm 2:5-8).

Cremos que não necessitamos aduzir maiores evidências para mostrar que êste mundo está desorientado, qual barco em alto mar, sem bússola, sem âncora e sem pilôto capaz.



A Escritura Sagrada é a única bússola capaz de orientar êste mundo desorientado

Em tôda parte, se afrouxam mais e mais as normas do comportamento. Escreveu alguém:

"Êste afrouxamento de nossos códigos de comportamento salienta uma situação perigosa que, em todo o mundo, nos poderia lançar numa confusão moral, numa era de anarquia que nos poderia destruir sem o estrondo duma explosão atômica". — Mirror Magazine de Nova York, de 14/6/59.

Certa vez Winston Churchill declarou: "O mundo encontra-se em terrível confusão; não obstante, esperamos achar o caminho que salve a paz do mundo".

Todos os que têm mente para pensar e coração para sentir, perguntam: Qual é a bússola capaz de orientar êste mundo desorientado? Essa bússola, afirmamos, é a Escritura Sagrada, a infalível Palavra de Deus, da qual Jesus Cristo disse: "A Escritura não pode faltar" (S. João 10:35). Pela bôca do profeta Isaías Deus disse: "Buscai diligentemente no livro do Senhor, e lêde; nada do que vos anuncio deixará de acontecer, nem uma só destas coisas faltará..." (Isaías 34:16).

O que a bússola é para o capitão do navio, e o que os faróis do carro são para o automobilista durante a noite, é a Bíblia para o homem. "Lâmpada para os meus pés é a Tua palavra, e luz para o meu caminho" (Salmo 119:105), escreve um dos porta-vozes de Deus.

Furiosa tempestade acossava certa vez um navio que se achava a certa distância da costa, em meio aos recifes. O barco, ameaçado de destruição, era lançado ora para um lado ora para outro, pelas vagas impetuosas. Esperava-se que a qualquer momento iria esfacelar-se, chocando-se contra um rochedo. Todos os passageiros estavam extremamente aterrorizados. Um dêles, mais ousado que os outros, arriscou a vida, fazendo perigosa escalada para a cabina de pilotagem, e viu o piloto, resoluto no seu posto, com as mãos firmes no leme, pilotando o navio seguramente para fora da zona perigosa. O piloto, ao avistar o passageiro pálido e aterrado, sorriu para êle. Sinal de confiança, paz e segurança. O passageiro desceu ràpidamente ao convés e começou a gritar a plenos pulmões: "Vi a face do piloto. Êle sorriu. Tudo vai bem". Desvaneceu-se o desespêro que empolgava todo mundo. Todos experimentaram uma sensação de alívio e um sentimento de esperança.

Nosso mundo está igualmente flutuando sôbre as ondas bravias do ódio, das

Cont. na pág. 26.

O PODER

"Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido".

O mundo se achava envolto em trevas, separado de Déus pelo grande abismo do pecado.

O engano do pecado atingira culminâncias nunca dantes atingidas. Todos os meios haviam sido empregados pelas fôrças do mal para arruinar a alma dos homens.

Olhando ao mundo que Deus criara perfeito e que, pela desobediência ao Criador, caíra sob domínio de Satanás, Cristo só via miséria. Com os olhos cheios de compaixão, de lá do alto contemplou os homens cá em baixo ... e que quadro compungente se Lhe afigurava! Só via vítimas da crueldade de Satanás atreladas como escravos ao carro do príncipe do mal. Embrutecidos e arruinados física e moralmente, os homens avançavam em lúgubre procissão rumo à perdição eterna, para a noite que não conhece alvorecer, para a morte que não oferece esperança de nova vida. O corpo dos homens, feito para morada de Deus em Espírito, convertera-se em morada de Satanás. A mente e os sentidos dos homens, governados por legiões de demônios, eram instrumentos das mais vis paixões. Na própria fisionomia

DO AMOR

dos homens aparecia, estampado, o sêlo do maligno. O pecado se convertera em ciência, o vício em religião, e o crime em lei da vida. Que espetáculo de horror era êste mundo aos olhos dAquêle que era todo pureza, todo santidade, todo justiça, todo verdade!

O Universo inteiro, angustiado contemplava essa cena aflitiva, e todos os mundos fiéis ao Criador viram que o homem, por si só, não poderia voltar para Deus, e reconstruir-se, e elevar-se, até atingir a categoria dos sêres não caídos, com a qual êle mesmo, no início, se identificara. Ou um recurso especial seria enviado do Céu a esta Terra, ou êste mundo estaria definitivamente arruinado e permaneceria para sempre sem esperança.

A fim de que a luz rompesse as densas trevas que envolviam êste mundo, e a fim de que fôsse transposto o abismo que de Deus separava o homem, era preciso pôr nesta Terra um nôvo elemento indispensável — um poder superior ao do usurpador dêste mundo — uma fôrça mediante a qual o homem, querendo, pudesse reconciliar-se com Deus, fazer paz com Êle, e vencer o mundo, o pecado e o diabo. E êsse recurso especial, êsse novo elemento indispensável, êsse poder superior essa fôrça que habilita o homem a sair vitorioso, é Jesus Cristo. Êle mesmo assim definiu o motivo da Sua vinda: "Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido". Lc 19:10. E o apóstolo João explicou: "Para isto o Filho de Deus Se manifestou: para desfazer as obras do diabo" I Jo 3:8.

Que motivo teria levado o Pai e o Filho a fazerem tamanho sacrifício para salvar êste mundo perdido, êste mundo que se rebelara contra o Céu e se tornara aliado dos poderes do inferno? Não foi nenhum outro motivo senão o amor. O próprio Salvador disse: "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu Seu Filho unigênito, para que todo aquêle que nÊle crê não pereça mas tenha a vida eterna". Jo 3:16.

Entre os homens, "ninguém tem maior amor do que êste: de dar alguém a sua vida pelos seus amigos". Jo 15:13. Quantas vêzes maior, porém, não deve ser o amor de Deus, que O levou a dar a vida do Seu Filho unigênito, não pelos Seus amigos, mas pelos Seus próprios inimigos Porque Êle nos amou tanto que, "sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de Seu Filho" (Rm 5:10). Com razão disse o apóstolo Paulo que "o amor de Cristo ... excede todo entendimento". (Ef 3:19).

Lúcifer, antes da sua expulsão do reino de Deus, havia dito: "Eu subirei ao Céu, acima das estrêlas de Deus exaltarei o meu trono, ... e serei semelhante ao Altíssimo". Is 14:13, 14. Mas "Cristo Jesus, ... sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, mas aniquilou-Se a Si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-Se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-Se a Si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz". Fp 2:6-8.

Diz uma escritora:

"Cristo foi tratado como nós merecíamos, para que pudéssemos receber o tratamento a que Êle tinha direito. Foi condenado pelos nossos pecados, nos quais não tinha participação, para que fôssemos justificados por Sua justiça, na qual não tínhamos parte. Sofreu a

morte que nos cabia, para que recebêssemos a vida que a Êle pertencia. 'Pelas Suas pisaduras fomos sarados'. Is 53:5". E. G. White, O Desejado de Tôdas as Nações, pg. 17.

Jesus poderia ter preferido permanecer no trono que ocupava ao lado do Pai, e reter a glória celeste de que estava revestido, e jamais renunciar à homenagem que recebia dos anjos. Mas neste caso estaríamos todos irremediàvelmente perdidos. Constrangido, pois, por um amor que vai além de tôda compreensão humana, Cristo veio a fim de trazer luz para os que jaziam em trevas e vida para os que estavam condenados à morte, entre os quais nos achávamos também eu e vós.

Antes da vinda de Cristo à Terra, ressoou no Céu um brado de misteriosa significação, vindo do trono de Deus: "Eis aqui venho (no princípio do livro está escrito de Mim), para fazer, ó Deus, a Tua vontade... corpo me preparaste". Hb 10: 7, 5. Se Cristo não tivesse renunciado à Sua glória celestial, "fazendo-se semelhante aos homens", teríamos sido destruídos à luz da Sua presença. Para nosso benefício, Sua glória devia ser velada sob a forma humana, Sua divindade devia ocultar-se na humanidade. "Corpo Me preparaste" foi o que Êle disse com respeito ao mistério da Sua encarnação. Cristo armou Sua tenda no meio do nosso acampamento humano, para que pudéssemos contemplá-lO e familiarizar-nos com Sua vida e caráter divinos. Diz o apóstolo João: "E o Verbo Se fêz carne, e habitou entre nós, e vimos a Sua glória, como a glória do Pai, cheio de graça e de Verdade'.' Jo 1:14. E o apóstolo Paulo, por sua vez, escreve: "E, visto como os filhos participam da carne e do sangue, também Êle participou das mesmas coisas, ... Pelo que convinha que em tudo fôsse semelhante aos irmãos, ... porque naquilo que Êle mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados". Hb 2:14, 17, 18.

Dirigia-se das Índias Ocidentais para a Grã-Bretanha um navio a bordo do qual se achava um passageiro acompanhado do seu cão favorito. Um dia uma criança, brincando com o cão no convés, lançava repetidamente, de um lado para outro, um pau que o cachorro sempre apanhava e lhe trazia na bôca. De repente, porém, o pau caiu na água, e o animal pulou atrás dêle. Perplexo, o dono do cachorro correu ao capitão e lhe pediu que parasse o barco para salvar-lhe o mui estimado cão.

— Parar o navio por causa de um cão? Isso não posso fazer, disse o capitão.

— Então terás que parar o navio por causa de um homem, exclamou o dono, lançando-se ao mar, atrás do seu cachorro.

O navio teve que parar, e tanto o homem como o seu animal de estimação, com cuja sorte êle se identificara, foram salvos. Semelhantemente Se identificou Cristo com a nossa sorte, para que pudéssemos ser salvos por meio dÊle.

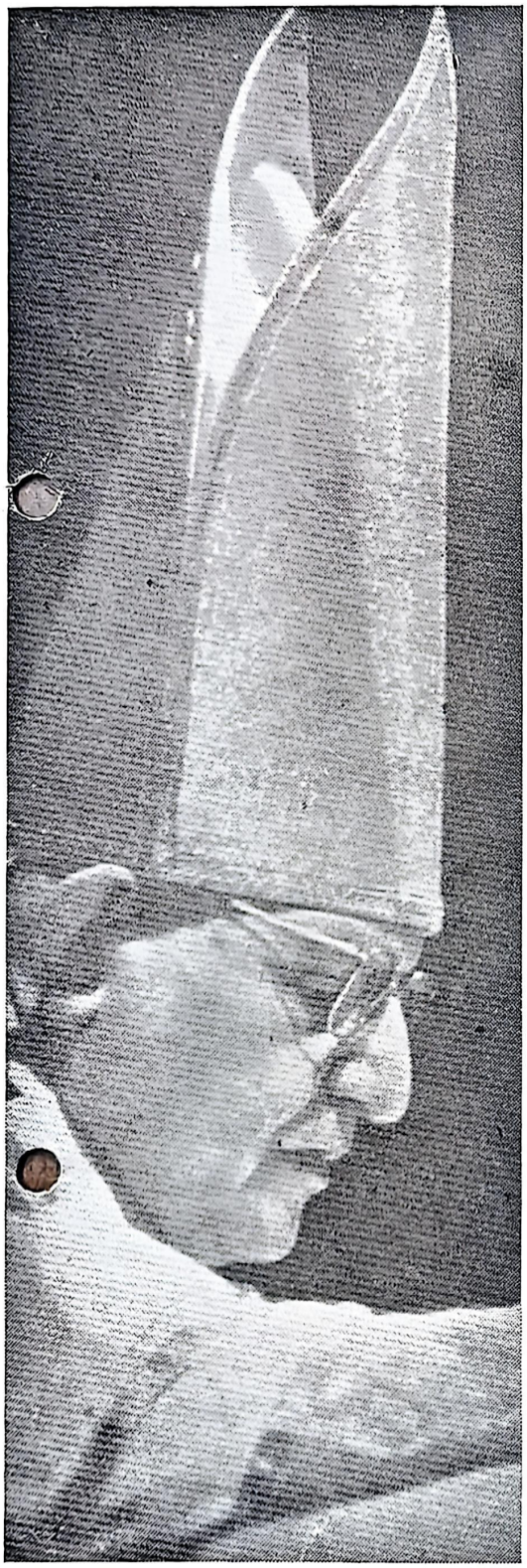
Foi Êle quem nos abriu o caminho do regresso à casa paterna. Êle foi à nossa frente. Em tudo foi tentado, em tudo sofreu, em tudo saiu vencedor. Como conhecedor da estrada, só Êle está ápto para nos socorrer. Como Filho do homem, Êle nos dá um exemplo de obediência; como Filho de Deus, Êle nos dá poder para a obediência.

Cristo assumiu a natureza humana, sem, contudo, deixar a natureza divina. Sendo ao mesmo tempo detentor da divindade e da humanidade, Êle, com um braço, toca no trono de Deus, e, com o outro, abraça a espécie humana. Só assim Lhe cabe o nome "Emanuel", que significa: "Deus conosco" (Mt 1:23). Só assim temos nÊle uma ponte sôbre o abismo que separava Deus do homem.

A REDAÇÃO

A UNIÃO DAS IGREJAS

Por Juracy José Barroso



"A mensagem de abertura do concílio impressionou pelo seu acento de paternal benevolência e amizade", comentou um observador.

Vivemos no portentoso século XX, iluminado pelo esplendor da Ciência e assinalado por um progresso sem paralelo na história da humanidade. Os homens se orgulham de seus gigantescos empreendimentos, querendo tocar as raias do infinito.

Esta geração é privilegiada por viver na era das grandes descobertas e invenções, do rádio, da televisão, da imprensa e das maturações do espírito facultadas pelo desenvolvimento literário legado pela Reforma do século XVI, o poderoso movimento que surgiu numa epoca em-que enormes eram as trevas espirituais dêste mundo, e que se desenvolvem iluminando novos continentes com as extraordinárias missões evangélicas do século XVIII.

Atualmente há milhões de indivíduos possuidores da Palavra de Deus, graças aos ingentes esforços dos abnegados missionários que, com rasgos de despreendimento, de sacrifício, de renúncia, abandonaram a pátria, os pais, os amigos e o confôrto do lar para levarem as boas novas da salvação aos longínquos países da África e Ásia. Alguns sucumbiram vítimas de enfermidades incuráveis, outros morreram mártires pela sagrada Causa do Evangelho.

Hoje existem centenas de denominações evangélicas com seus templos, pontos doutrinários particulares, corpo ministerial, todos professando fé na Bíblia como a Palavra de Deus.

Atualmente a configuração histórica dessas denominações, que transcendem a distinções, formas e credos, está passando por uma metamorfose. O "Evangelical Christendom", órgão da Aliança Evangélica Mundial, desde 1846 apresentava aos crentes a expressão comum de unidade essencial.

Antes de 1846 não achamos nenhuma organização internacional que pudesse encarar a diversidade de condições que afetavam a igreja em tôda parte do mundo, e sua necessidade se fazia sentir desde a época da Reforma.

Desde o comêço do século XIX, se fazia mais imperioso o clamor, até que finalmente chegou um pedido da Escócia, onde se realizou uma reunião internacional preliminar, em Liverpool, para "explorar a situação e ver o que se podia fazer".

O resultado foi que, depois de muita oração, se convocou uma conferência para o ano seguinte em Londres, não para formar uma nova denominação, nem sequer uma reunião cristã, mas uma aliança das igrejas evangélicas de todos os países. A essa conferência assistiram delegados dos Estados Unidos e da Europa.

Todo o mundo cristão se entusiasmou com a idéia de lá emanada. E a conferência de Londres, iniciada em 1846, estava integrada por algumas personalidades de destaque ao protestantismo mundial: Lyman Beecher, S. H. Cox, nos Estados Unidos; Adolphe Monod, da França; O prof. Tholuck e o dr. Krummacher da Alemanha; os pastores Haldane Stewart, Edward Bickersthot, Lord Wrostteley Russel, J. S. Blackwood, da igreja da Inglaterra. A Escocia enviou, dentre muitos outros, o dr. Condlish Norman McLeod e Thomas Guthrie. As igrejas independentes da Inglaterra enviaram a Thomas Bronsey, J. Angell James — tido como anjo entre os apóstolos — o dr. Wordlaw e o dr. Raffles. Cinqüenta e duas denominações de vários países da Europa e da América estavam representados por oitocentos delegados que no dia fixado se reuniram no Freemason Hall.

Na sessão da tarde do sexto dia, o dr. R. G. Buchanan, da igreja livre de Glasgow, levantou-se e fêz a seguinte moção: "Os membros desta conferência estão profundamente convencidos de que é desejável a formação de uma confederação sôbre as bases dos grandes princípios do Evangelho que mantenham em comum, que possam proporcionar aos membros da igreja de Cristo a oportunidade de cultivar o amor fraternal e gozar de mútuas relações cristãs, e de promover outros objetivos que mais adiante possam adotar como propósitos comuns e. procedam pela presente a formar tal confederação com o nome de Aliança Evangélica".

A resolução foi apoiada pelo dr. De Witt, da igreja Reformada Holandesa, de Nova Iorque. Depois de ter sido discutida a moção, a assembléia tôda, posta de pé antes de votar, dedicou uns momentos em oração silenciosa. Logo foi proposta e aceita por unanimidade a resolução. Permanecendo todos de pé, cantaram a Doxologia e, assim, em 24 de agosto de 1846, nasceu a Aliança Evangélica.

O sr. Morrison Laiton, em seu livro "The Unfinished Reformation", página faz a seguinte declaração:

"Todos os indícios para que temos chamado a atenção até aqui. parece indicarem claramente que os muros do nosso isolacionismo sectariano se acham em processo de desmoronamento. A denominação parece estar perdendo muito de sua primitiva significação".

A Sra. E. G. White, lançando suas vistas sôbre êsse longamente discutido assunto expressa-se assim:

"A vasta diversidade de crenças nas igrejas protestantes é por muitos considerada como prova decisiva de que jamais se poderá fazer esfôrço algum para se conseguir uma unidade obrigatória. Há anos, porém, que nas igrejas protestantes se vem manifestando poderoso crescente sentimento em favor de uma união baseada em comuns de doutrinas. Ao conseguir tal união, deve-se evitar necessàriamente tôda

discussão de assuntos em que não estejam todos de acôrdo, independentemente de sua importância do ponto de vista bíblico". — O Conflito dos Séculos, página 444.

Outrora a idéia da unidade das igrejas protestantes era muito vaga e indefinida; hoje, porém, essa idéia está positivada através do púlpito e da imprensa.

Atualmente o protestantismo ressente-se em suas bases; as forças sectarianas do mundo evangélico coibem-se sob o pêso da incerteza, da luta e do mêdo, pedindo a formação de um novo elemento para fazer face a um perigo comum que os ameaça. O espírito de proselitismo está indelèvelmente desaparecendo, as distinções denominacionais estão-se apagando.

O sr. Nelson E. Ferre declara no "Christendom":

"O cristianismo está sofrendo de incerteza interior, por não conhecer sua fôrça ... Confundido quanto à sua natureza, o cristianismo tem esbanjado sua fôrça com o fragmentar-se em numerosos grupos. Êsses grupos, por sua vez confundidos, dissipam muito de suas energias em conflitos internos. Assim, ao mesmo tempo em que o mundo se acha em larga escala confundido, e desusadamente disposto à resoluta e esclarecida liderança, o cristianismo não conhece a sua própria unidade espiritual".

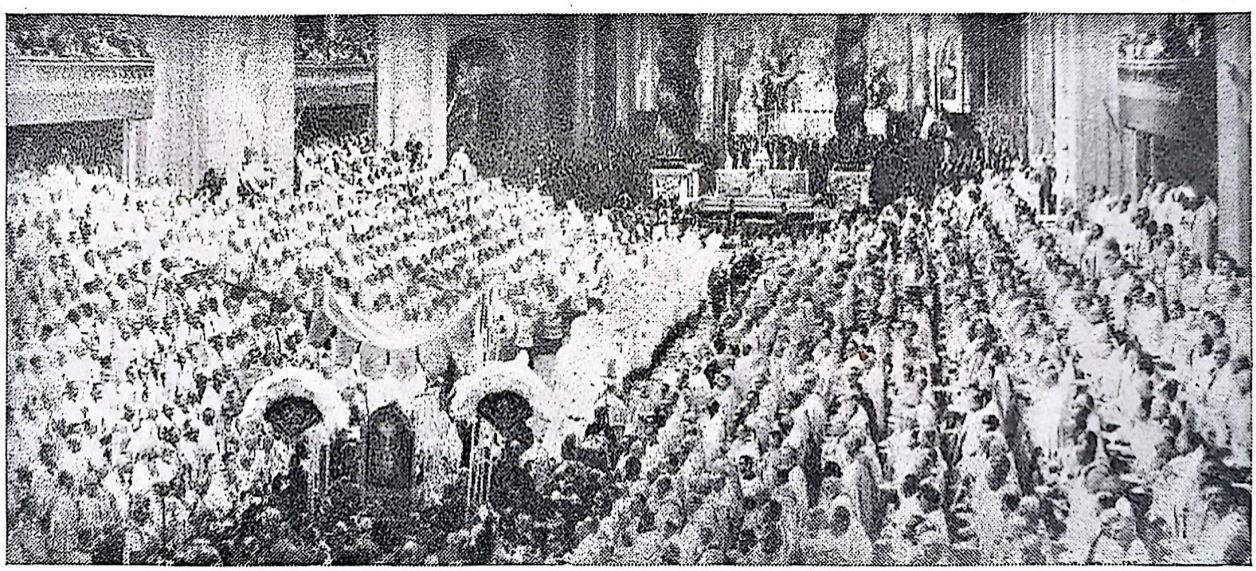
As igrejas que outrora lutaram pela pureza do Evangelho, hoje voltam suas vistas para Roma com profunda veneração e respeito, expressando suas esperanças de regressar ao seio da mesma, a fim de conjugar seus esforços para a unidade na base da oração sacerdotal de Cristo. Em dezembro de 1954, o Concílio Nacional das Igrejas, reunido em Boston, interrompeu seus trabalhos para ouvir o texto de uma mensagem pela qual, depois de aprovada unânimente, a assembléia notificava ao Vaticano suas condolências pela enfermidade do Papa Pio XII e enviara votos para seu restabelecimento. Essa foi uma das mais emocionantes decisões daquela semana de conferências.

O arcebispo luterano Natham Soderblon declara:

"Nossas divisões não são um dano leve, são um crime'.' *Evangeliche Romfahrt*, Stutgart, página 173 (1953).

O comitê central do Concílio Mundial das Igrejas, reunido em Toronto, no ano de 1950, declarou que a igreja de Cristo é uma e que a desunião é "pecado a Deus e repúdio à igreja fundada por aquêle Senhor que antes de morrer rogou ao Pai que todos fôssem um assim como Êle é um com o Pai".

No ano de 1953, Skygaard, professor de Teologia em Copenhague, escreveu estas palavras: "Segundo o Novo Testamento, não é possível



Cerimônia de abertura do Concílio, onde "representantes de quase todo o mundo, sôbre a presidência do Papa João XXIII, iriam discutir os problemas cristãos".

Um clima radicalmente nôvo tem-se desenvolvido nas relações das grandes confissões cristãs entre si.

divisão da Igreja. Porém o impossível aconteceu para nossa vergonha e consternação". — The Ecumenical Review VI, 17 (1953).

O Papa João XXIII, no início de seu pontificado, declarou-se em favor da união de todos os cristãos, e a imprensa transcreveu textualmente as suas palavras:

"Nós desejamos ardentemente a sua volta à casa do Pai comum. Não entrarão em casa estranha, mas na sua própria".

O Concílio Ecumênico Vaticano II, iniciado a 11 de outubro de 1962, visa unir as respectivas greis do Oriente e do Ocidente à igreja de Roma.

Desperta-se, todos o sabemos, a consciência ecumênica dos cristãos nominais em todo o mundo.

"Mais e mais, em nossa era, toma vulto o papel reservado na história para o Concílio Mundial das Igrejas", diz um articulista em O Cristianismo, 1, 2 n.º 125, 126.

O secretário geral do Concílio Mundial das Igrejas, Willem Visser't Hooft, afirma que "há enormes possibidades de cooperação, contanto que o Vaticano esteja disposto a admitir a aceitação de diferenças dogmáticas".

O presidente da Federação das Igrejas Protestantes da França Marc Boegner, disse:

"Há barreiras intransponíveis... Mas não é menos verdade que no decorrer dos últimos decênios se tem desenvolvido um clima radicalmente novo nas relações das grandes confissões cristãs entre si".

Edwin T. Dahlberg, presidente do Concílio Nacional de Igrejas dos Estados Unidos, afirmou:

"Qualquer coisa que unisse tôdas as igrejas de Cristo seria uma bênção de Deus. Mas deve ser reconhecido que há de ser uma reunião mútua, não sob condições dadas por uma igreja a tôdas as demais". — Times, 9/2/59.

No semanário "Visão" aparecem duas opiniões bem aproximadas. A primeira é a do Frei Carlos Josaphat, que disse:

"É em outro tom que o atual Papa anuncia o próximo concílio. E é dentro de um clima bem diferente que foi acolhido por todos os cristãos o convite de João XXIII. Por tudo isto, é justo esperar que esta união universal de bispos venha representar um passo decisivo no caminho da unidade entre os cristãos".

Falando acerca dos orientais, o dominicano esclareceu que em "concílios anteriores, o Papa convidara os bispos ortodoxos (da igreja do oriente), pois tem uma hierarquia que remonta aos tempos apostólicos, como acontece com a hierarquia católica. Nos primeiros séculos, os orientais reconheciam o bispo de Roma como chefe visível da igreja fundada por Cristo".

Referindo-se aos protestantes, Frei Carlos Josaphat alegou: "Estamos certos de

que serão observadores simpáticos do concílio, e se sentirão menos longe de nós neste esfôrço de renovação. Quando nos aproximamos dos protestantes de espírito aberto e os convidamos a rezar e a trabalhar para a concretização da Palavra de Jesus, 'um só rebanho e um só pastor, não o fazemos com segundas intenções. Temos a consciência de possuirmos um denominador comum, um ponto de partida para um diálogo fraterno.

"O protestantismo, no que tem de autêntico, nasceu de um anseio de reforma. Foi um protesto diante de muitos abusos e escândalos que existiam dolorosamente. De certo ponto podemos dizer que os protestantes não voltem atrás, renunciando a esta sede de uma igreja pura, sempre em busca da Palavra de Deus.

"Os católicos crêem que a igreja é uma instituição fundada sôbre os alicerces históricos dos apóstolos, hoje governada pelos sucessores dêles, o Papa e os bispos sob a assistência do Espírito Santo. Por isso cremos e esperamos que ela seja o ponto de chegada de todos os nossos irmãos. Mas não estamos de olhos fechados. Há muita miséria nossa, muita ignorância religiosa, muito desconhecimento da Bíblia, muito devocionismo supersticioso, tudo isto a exigir uma reforma, uma contínua reforma".

A segunda opinião é a do pastor Lauro Bretones, professor da Faculdade Batista de Teologia, que disse:

"A divisão dos cristãos em grupos, a ausência de um diálogo fraternal entre êles, é um escândalo".

O testemunho cristão dividido como está, e no mundo em que estamos vivendo, é um argumento contra o cristianismo.

"Todo o esfôrço no sentido de unir as fôrças cristãs representa uma tentativa de atender a súplica de Jesus, 'para que todos sejam um'. O que se propõe não é uma fusão orgânica e administrativa das fôrças cristãs, e sim uma união de todos os que acreditam em Cristo para a realização de um programa de justiça, de paz e de fraternidade". — *Visão*, 7/8/59, página 42.

Lemos em *O Cristianismo*

"Uma nova demonstração de que já há mesmo um nôvo ambiente envolvendo as novas relações entre os cristãos, foi a festa que a igreja de Roma realizou no Teatro Municipal da Capital da República, para saudar a convocação do concílio ecumênico, anunciada através da encíclica *Ad Petri Cathedram*...

Com o teatro totalmente lotado, algumas frisas estavam reservadas a ortodoxos, anglicanos e protestantes, comparecendo pelo menos os protestantes e os membros da comunidade anglicana...

"Terminada a oração, todos os presentes entoaram o credo Niceno e é de imaginar a emoção com que o fizeram. Graças a Deus, romanos, ortodoxos, anglicanos, e protestantes, temos uma declaração de Fé comum a todos que nos permitem antever o dia glorioso em que a Igreja Militante, Visível, seja uma, 'para que o mundo creia'.

As Escrituras Sagradas nos ensinam que existe uma só igreja. "Há um só corpo e um só espírito, como fôstes chamados em uma só esperança de vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sôbre todos por todos e em todos". Ef 4:4-6. A igreja reconhecida por Deus é a reunião dos crentes verdadeiros, a saber, os que "guardam os mandamentos de Deus e têm a fé de Jesus", e que devem tornar-se uma "igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível".

Essa não fará parte da grande família religiosa — mãe e filhas — a Babilônia moderna. Essa convida os sinceros a sair dessa confederação, transmitindo o chamado de Deus: "Sai dela povo Meu".

"Não há dúvida de que o espírito que presidiu à festa foi o retôrno dos cristãos separados, ao seio da igreja de Roma". — O Cristianismo, páginas 2 e 3, de setembro-outubro de 1946.

O que acabamos de considerar é suficiente para provar que o espírito de unificação está a tomar vulto no

âmago das diferentes denominações da cristandade.

Que diz a Bíblia sôbre essa confederação? O profeta Isaías escreve:

"E sete mulheres naquele dia lançarão mão de um homem, dizendo: Nós comeremos do nosso pão, e nos vestiremos de nossos vestidos; tão sòmente queremos que sejamos chamadas pelo teu nome; tira o nosso opróbrio". Is 4:1.

Essa profecia cumpre-se literalmente, e, para inteirarmo-nos dêsse fato, basta entrarmos nos detalhes simbólicos dêsse versículo.

Em linguagem profética, o número sete, conforme aparece no texto em aprêço, indica plenitude. Trata-se da totalidade das igrejas nominalmente cristãs, hoje conhecidas. Elas pretendem continuar com a sua própria doutrina (pão) e com a sua própria justiça (vestes); de Cristo só querem o nome.

O termo "mulher" é simbólico Em várias partes da Bíblia é usado para representar a igreja em seus diversos aspectos.

O apóstolo Paulo, na sua segunda epístola aos coríntios, compara os cristãos verdadeiros a "uma virgem pura" a ser apresentada a um marido, a saber, a Cristo.

Em Apocalipse, capítulo 17, versículo 1-5, o vidente de Patmos contempla um quadro em que lhe é mostrada uma família de mulheres — mãe e filhas — tôdas decaídas É um símbolo adequado das igrejas nominalmente cristãs, apóstatas, que constituem a Babilônia espiritual. Enquanto uma voz de baixo convida todos a entrarem em união com ela, sob a égide de Roma, uma voz do Céu manda anunciar "Sai dela, povo Meu". Ap 18:4.

Cont. da pag. 13

O MUNDO NA...

O funesto resultado que êsse grande militar apresentou como possível, a Bíblia o apresenta como certo. Disse, em palavras proféticas, o apóstolo Paulo:

"Pois que, quando disserem: Há paz e segurança; então lhes sobrevirá repentina destruição". I Ts 5:3.

Depois de a destruição ter varrido a face da Terra virá solução mas de parte inesperada.

O farol profético assim focaliza o desfêcho da História:

"Mas, nos dias dêstes reis, o Deus do céu levantará um reino que não será jamais destruído; e êste reino não passará a outro povo; esmiuçará e consumirá todos êstes reinos, e será estabelecido para sempre". Dn 2:44.

A REDAÇÃO

Cont. da pág. 9

O FUMO, UM DOS...

pacotes de cigarros devem conter essa advertência a partir de 1 de janeiro de 1965. A comissão, entretanto, não especificou a linguagem exata que terá de ser usada pelos fabricantes de cigarros em sua publicidade e nos rótulos dos pacotes.

Cont. da pág. 17.

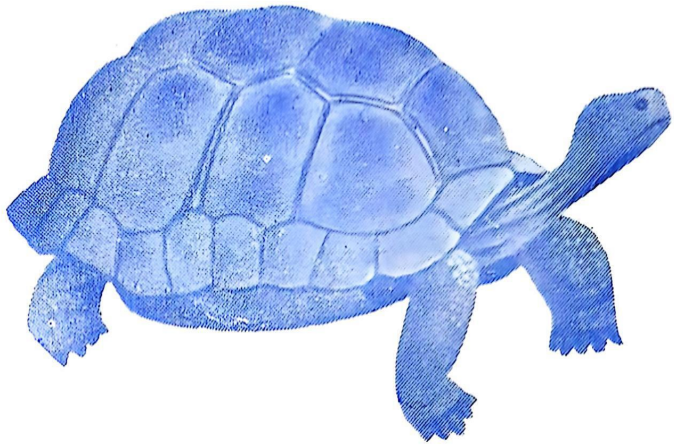
QUAL A BÚSSOLA...

rivalidades, da falta de entendimento entre as nações, no grande e perigoso mar da política internacional, e se vê de igual maneira acossado pela ameaçadora borrasca de uma contenda mundial, com a lúgubre perspectiva de naufragar ao embate contra os recifes das diferentes ideologias. A raça humana está em desespêro, em meio ao qual alguns se lembram de olhar para cima, para o hábil Piloto, Cristo, que conduz seguramente a nau de todos os que nÊle confiam contemplando-Lhe na face, pelos olhos da fé, um sorriso de esperança. Só nÊle há paz e segurança.

A REDAÇÃO

GENERALIDADES

O ANIMAL QUE MAIS VIVE



Tem-se observado que o animal de mais longa vida é a tartaruga. O réptil anfíbio pode viver mais de 300 anos. Diz-se que no Jardim Zoológico de Londres, uma tartaruga viveu cêrca de 350 anos. Há notícias não confirmadas de que numa das ilhas Galapagos uma tartaruga atingiu a respeitável idade de 400 anos. No arquipélago de Aldabra (Mascarenhas) uma tartaruga gigante — segundo se afirma ultrapassou 420 anos de vida.

A maior espécie é a "tartaruga verde maior" ou "Jurucua do Brasil". Chega a atingir 200 quilos. Há a grande tartaruga elefantina do arquipélago de Aldabra (Mascarenhas) que excede um metro de comprimento e pesa mais de 300 quilos. É tão rara essa espécie que os exemplares que ainda restam vivem sob a proteção do govêrno inglês. Nas ilhas Galapagos existem tartarugas gigantes, como o Testudo abingdoni, que atinge mais de 1 metro de comprimento.

Dizem os naturalistas que há 41 espécies de tartarugas espalhadas nas regiões quentes do globo, exceto na Austrália.

Interessante é observar que as tartarugas não têm dentes. "As maxilas, munidas de um invólucro córneo, formam um bico comparável ao das aves".

Há tartarugas do mar e tartarugas de água doce.

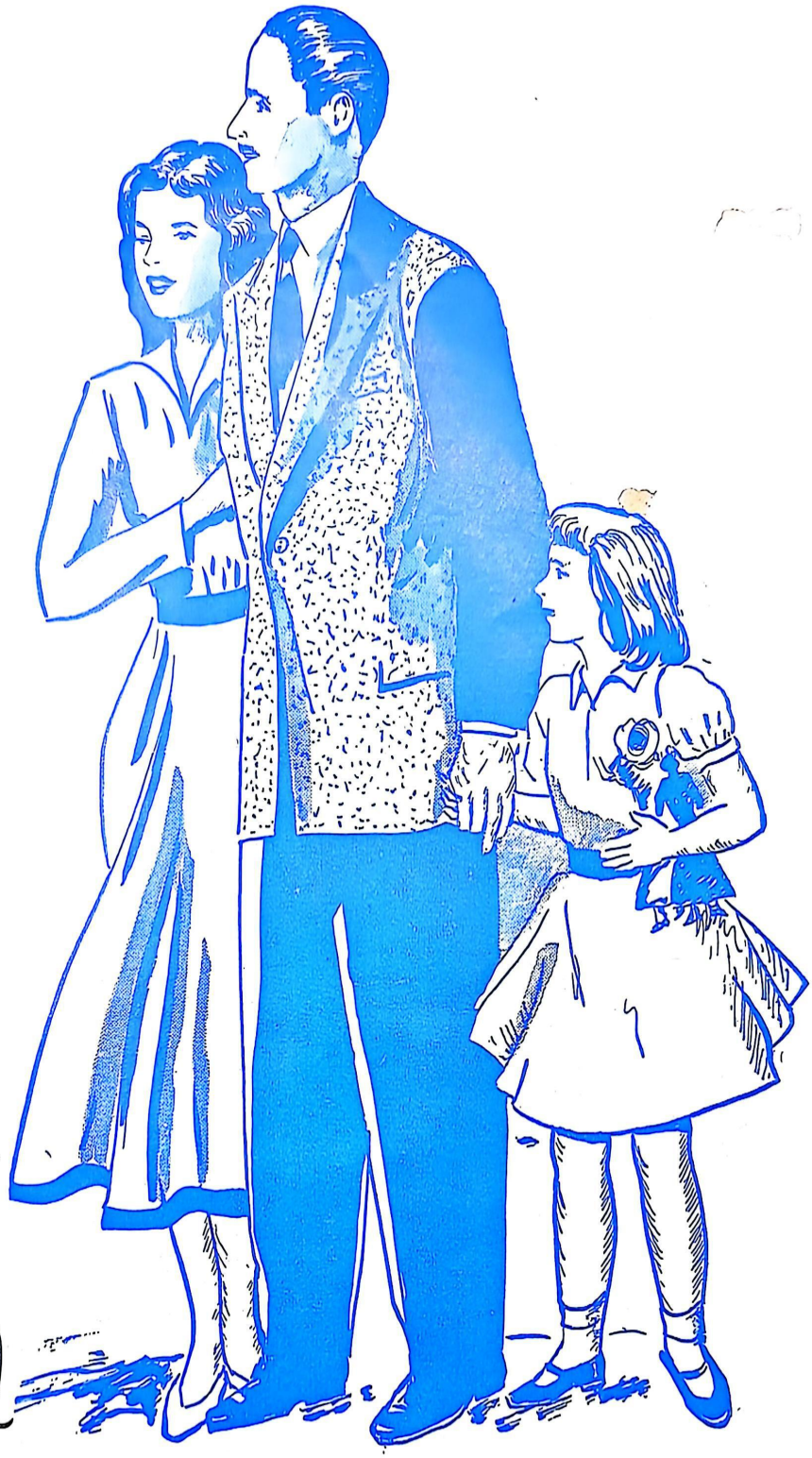
ÁRVORES GIGANTES

A National Geographical Society dos Estados Unidos anunciou que as três árvores mais altas do mundo foram descobertas no Estado de Oregon, em uma remota floresta de "red-woods", uma espécie de sequóias. Segundo a instituição essas árvores têm, respectivamente, 130, 120 e 117 metros de altura...

BALÕES TRANSPORTAM BÍBLIAS

Cinco mil balões, transportando sobrecartas com textos bíblicos em língua russa, foram lançadas ao céu, nas proximidades de Hof, na Baviera.

Um pastor Evangélico, de Nuremberg, que patrocina a campanha, espera que êsses balões cheguem ao seu destino, isto é, à URSS e a todos os países de língua russa situados atrás da "cortina de ferro". Essa campanha, disse êle, é destinada a lembrar aos cristãos que vivem atrás da "cortina de ferro" de que o mundo ocidental não os esqueceu.



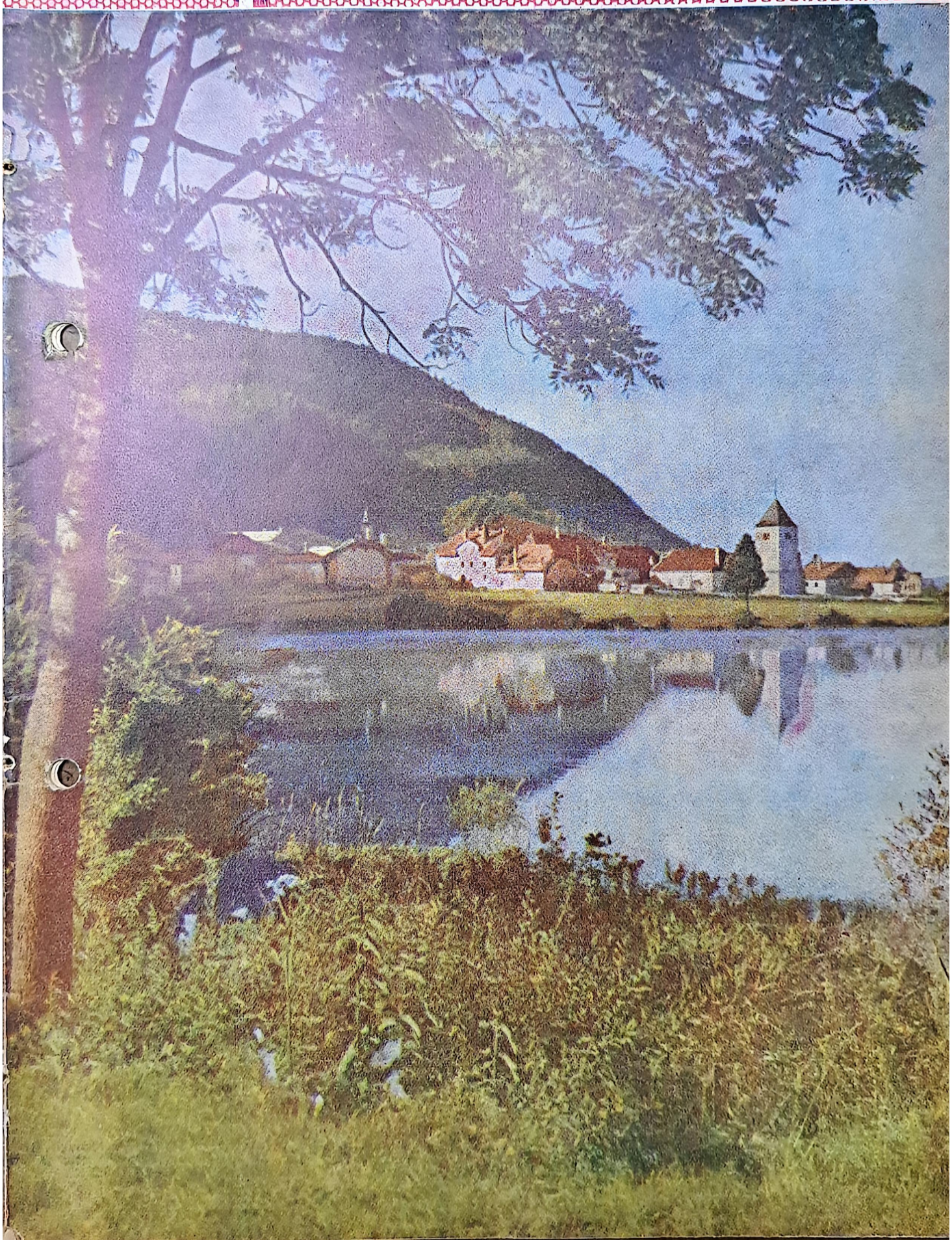
Lar Ideal

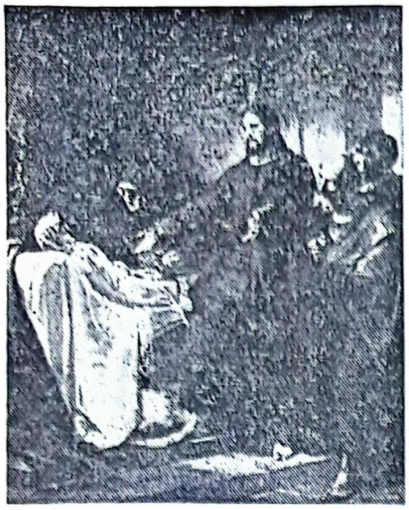
Esta importantíssima obra é uma verdadeira fonte de sabedoria onde podem adquirir os mais valiosos tesouros de conhecimento todos os jovens que pretendem casar-se, os recém-casados e todos os pais de família que anelam entronizar em seus lares o alvo sublime da felicidade.

Ilustrado. Mais de trezentas páginas. Encadernado.

EDITÔRA MISSIONÁRIA "A VERDADE PRESENTE"
CAIXA POSTAL 10 007 — SÃO PAULO

O FIEL Oriental





"SENHOR, SE QUISERES, PODES TORNAR-ME LIMPO"

E. G. White

De tôdas as moléstias conhecidas no Oriente, era a lepra a mais temida. Seu caráter incurável e contagioso, e seu terrível efeito sôbre as vítimas, enchiam de temor aos mais corajosos. Entre os judeus era considerada um juízo pelo pecado, e daí ser chamada "o açoite", "o dedo de Deus". Profundamente arraigada, inextirpável, mortal, olhavam-na como símbolo do pecado.

O leproso era pela lei ritual declarado impuro. Tudo quanto êle tocasse, estava imundo. O ar era corrompido por seu hálito. Como uma criatura já morta, excluiam-no das habitações dos homens. Uma pessoa suspeita de estar com essa doença, devia apresentar-se aos sacerdotes, os quais deviam examinar e decidir o caso. Se declarado leproso, era isolado da família, separado da congregação de Israel, e condenado a se associar ùnicamente com os que participavam de igual moléstia. Mesmo os reis e os príncipes não eram excetuados. Um monarca atacado dessa terrível doença devia renunciar ao cetro e fugir da sociedade.

Longe dos parentes e amigos, o leproso devia suportar a maldição de sua enfermidade. Era obrigado a publicar a própria desgraça, rasgar os vestidos, e fazer soar o alarma, advertindo a todos para que fugissem de sua contaminadora presença. O grito "Imundo! imundo" vindo em lamentosos tons do solitário desterrado, era um sinal ouvido com temor e repulsão.

Na região do ministério de Cristo achavam-se muitos dêsses sofredores, e ao chegar até êles a notícia de Sua obra, um há, em cujo coração começa a despontar a fé. Se êle pudesse ir ter com Jesus, seria curado. Mas como encontrar Jesus? Condenado como se acha a um pérpétuo isolamento, como se poderá apresentar ao Médico? E curá-lo-á Cristo? Não há de Êste, como os fariseus e mesmo os médicos, proferir sôbre êle uma maldição, e adverti-lo a fugir das moradas dos homens?

Pensa em tudo quanto lhe tem sido dito de Jesus. Ninguém que Lhe buscou o auxílio foi mandado embora. O desgraçado homem decide procurar o Salvador. Conquanto excluído das cidades, quem sabe se não lhe será possível cruzar-Lhe o caminho em qualquer atalho da montanha, ou encontrá-lO enquanto ensina fora das aldeias? Grandes são as dificuldades, mas é esta sua única esperança.

Ficando de longe, o leproso apanha algumas palavras dos lábios do Salvador. Êle O vê pondo as mãos sôbre os enfermos. Vê o coxo, o cego, paralítico, e os que estão a morrer de várias moléstias, erguerem-se com saúde, louvando a Deus pela libertação. Sua fé se robustece. Aproxima-se mais e mais da turba que O escuta. As restrições que lhe são impostas, a segurança do povo, o temor com que todos os homens o

olham, são juntamente esquecidos. Pensa ùnicamente na bendita esperança da cura.

Êle apresenta um repugnante espetáculo. A doença tem feito tremendas incursões, e seu corpo em decadência é horrível de ver-se. Ao avistá-lo o povo recua. Em seu terror, atropelam-se uns aos outros para escapar do contato com êle. Alguns tentam impedi-lo de se aproximar de Jesus, mas em vão. Êle nem os vê nem os ouve. Suas expressões de repugnância não o atingem. Vê tão sòmente o Filho de Deus, ouve ùnicamente a voz que comunica vida ao moribundo.

Avançando para Jesus, atira-se-Lhe aos pés com o grito: "Senhor, se quiseres, podes tornar-me limpo". Mt 8:2.

Jesus responde: "Quero: sê limpo", e pôe-lhe as mãos em cima.

Imediatamente se opera uma mudança no leproso. Seu sangue torna-se são, os nervos sensíveis, firmes os músculos. A pele de um branco fora do natural, escamosa, peculiar à lepra, desaparece; e sua carne fica semelhante de uma criancinha.

Soubessem os sacerdotes os fatos referentes à cura do leproso, e seu ódio para com Cristo o levaria a dar uma sentença desonesta. Jesus desejava assegurar uma decisão imparcial. Pede, portanto, ao homem que a ninguém conte a cura, mas se apresente sem demora no templo com uma oferta antes que qualquer rumor acêrca do milagre se venha a espalhar.

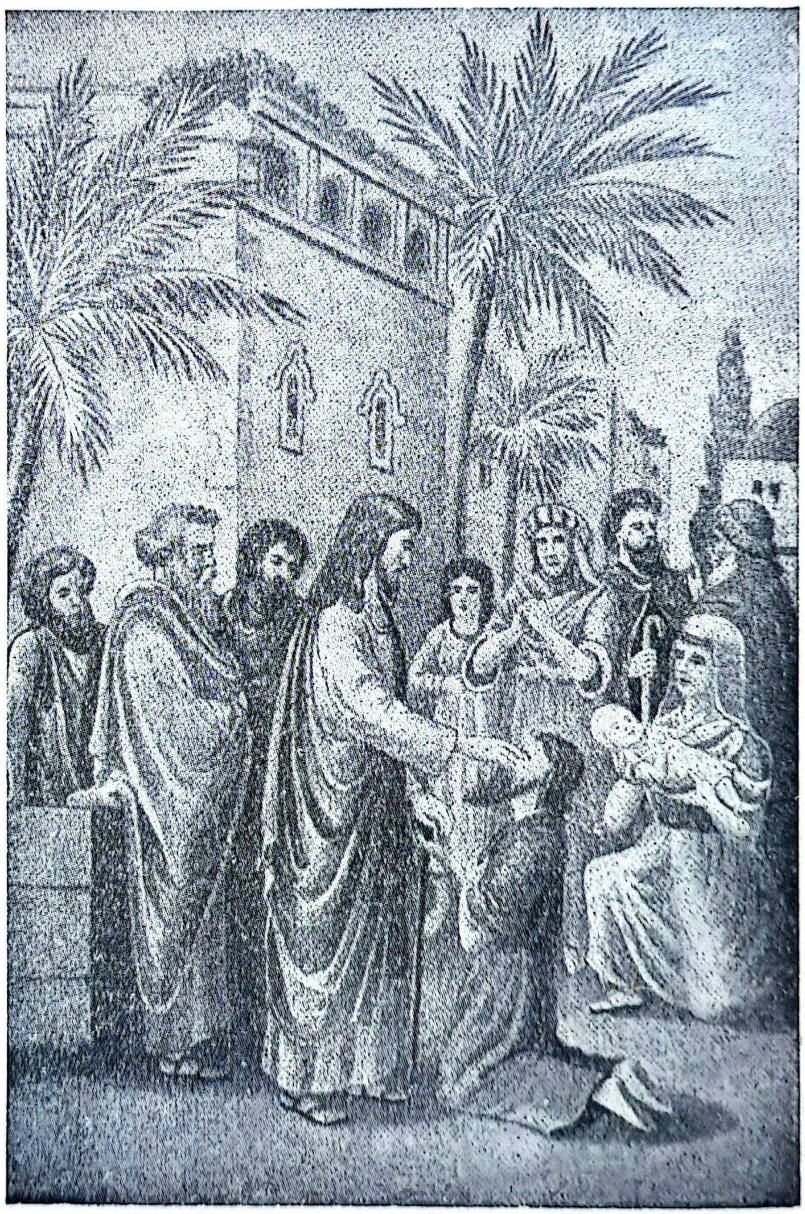
Antes que os sacerdotes pudessem aceitar tal oferta, exigia-se dêles que examinassem o ofertante e se certificassem de sua completa cura.

Êsse exame foi efetuado. Os sacerdotes que haviam condenado o leproso ao exílio, testificaram da cura. O homem restabelecido foi restituído à família e à sociedade. Sentiu que a dádiva da saúde era muito preciosa. Regozijava-se no vigor da varonilidade, e em se ver entre os seus. Não obstante a advertência de Jesus, êle não podia por mais tempo ocultar sua cura, e foi alegremente proclamando em derredor o poder dAquêle que o tinha pôsto são.

Quando êsse homem chegou a Jesus, estava "cheio de lepra". Seu mortal veneno enchia-lhe o corpo todo. Os

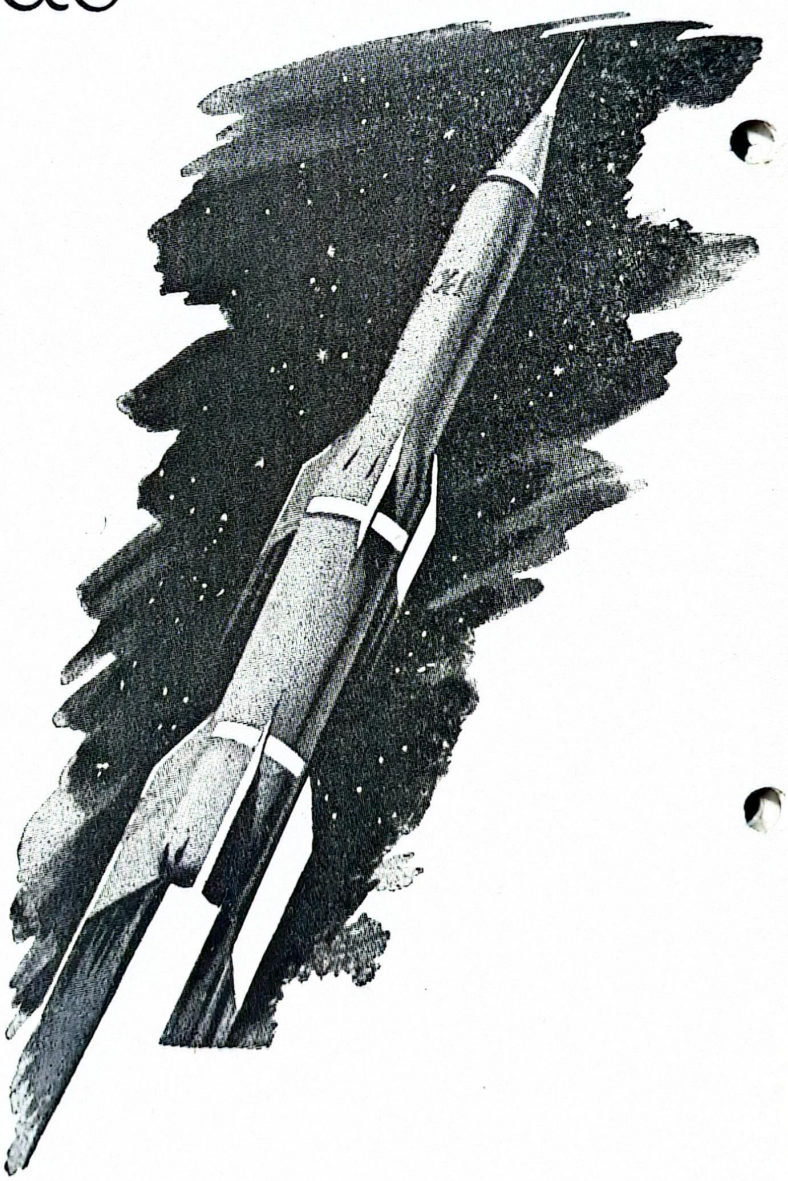
(Cont. na pág. 25)

Êle veio para curar os enfermos



Como Será Conquistado o Espaço?

Alfonsas Balbachas



A conquista do espaço sideral é considerada uma necessidade absoluta

Como outrora nossos bisavôs encaravam a idéia de uma viagem em volta do mundo, dizem muitos entusiastas, encaramos hoje a perspectiva de uma viagem interplanetária, mas, dentro de certo número de anos, garantem, havemos de empreender viagens interplanetárias à guisa de interessantes passeios de férias.

Tanto nos Estados Unidos como na União Soviética vêm-se incrementando trabalhos científicos que visam o envio do homem a outros astros.

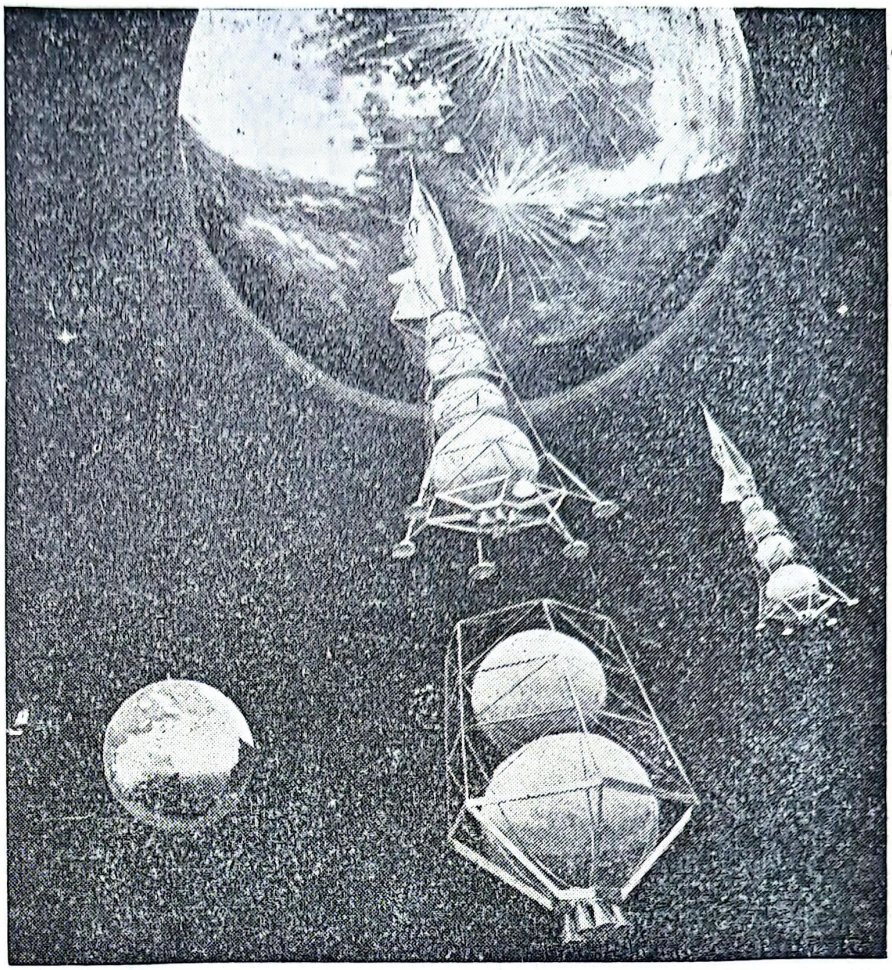
A ciência se multiplicou a ponto de a União Soviética e os Estados Unidos terem feito, ùltimamente, ousados empreendimentos visando a conquista do espaço. Vejamos:

A 4/10/1957 a União Soviética lançou o primeiro satélite artificial, o Sputnik I, de 83,5 kg de pêso; a 3/11/1957 lançou o segundo satélite, o Sputnik II, de 508 kg de pêso.

Os Estados Unidos também enviaram ao espaço alguns satélites: a 31/1/1958 o Explorer; a 17/3/1958 o Vanguard I; e a 26/3/1958 o Explorer III.

Depois disso tanto os russos como os norte-americanos lançaram mais alguns.

A 2/1/1959 a União Soviética lançou o Lunik I, aparelho de duas e meia toneladas de pêso, que, vencendo a fôrça da gravidade, passou a uns 7.400 km da lua, e, deixando-a atrás, continuou o seu vôo no espaço sideral até colocar-se em órbita como décimo planêta do sistema solar.



A Lua, dizem os cientistas, será a principal plataforma espacial para a viagem a outros planêtas

A 3/3/1959 os Estados Unidos, por sua vez, lançaram o Pioneer IV, que passou a 59.500 km da Lua e também se colocou em órbita ao redor do Sol.

A 12/9/1959 a União Soviética enviou o Lunik II com destino à Lua, e, a 4/10/1959 assombrou o mundo com o lançamento do Lunik III, estação espacial que contornou a Lua e tirou espetaculares fotografias da face invisível do nosso satélite, transmitindo-as à Terra. Os russos, em 12/4/1961, enviaram ao espaço o primeiro homem, Yuri Gagarin, que, a bordo do Vostok I, deu a volta à Terra em uma hora, 48 minutos e 1 segundo; e, a 6 e 7 de agôsto do mesmo ano, enviaram Gherman S. Titov, que, a bordo do Vostok II, deu 17 voltas à Terra em 25 horas e 18 minutos.

Os norte-americanos também enviaram alguns cosmonautas ao espaço. Os primeiros foram Alan B. Shepard Jr. em 5/5/1961 e Virgil I. Grissom em 21/7/1961, que fizeram vôos balísticos de menos de 500 km de exten-

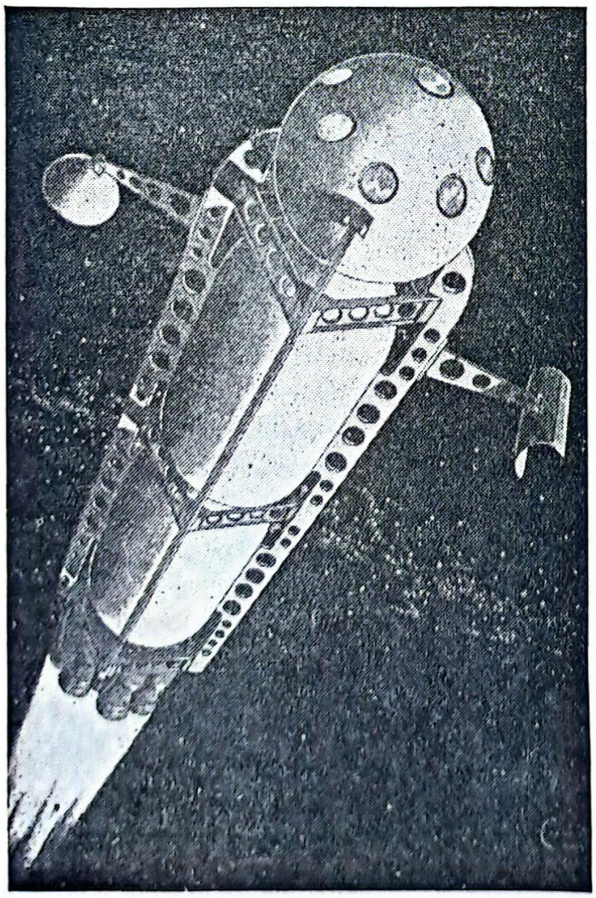
são. Depois foram enviados outros dois: John Glenn, a 20/2/1962, deu 3 voltas ao mundo em 4 horas e 56 minutos, voando à velocidade de 28.072 km por hora; Malcolm Scott Carpenter, a 24/5/1962, deu 3 voltas à Terra em 4 horas e 96 minutos, voando à velocidade de 28.051 km horários.

Em 7/7/1962 os Estados Unidos puseram em órbita o primeiro satélite de comunicações internacionais, iniciando-se, com essa proeza, uma nova era nas transmissões de rádio, telefone e televisão, simultaneamente em todo o mundo.

Em 11 e 12 de agôsto de 1962 os russos lançaram mais dois cosmonautas ao espaço: Adrian Nicolaiev, a bordo do Vostok III, e Pavel Popovitch, a bordo do Vostok IV. O primeiro, em 94 horas e 25 minutos, deu 64 voltas à Terra, e o segundo, em 70 horas e 59 minutos, 48 voltas.

Em 27 de agôsto de 1962, os Estados Unidos lançaram em direção a Vênus um foguete portador da cápsula espacial "Mariner II". Após desenvolver-se com pleno êxito a primeira etapa do lançamento, em que descreveu uma órbita da Terra, e após partir em direção a Vênus, o foguete se desviou da trajetória prevista, mas os técnicos norte-americanos conseguiram, em 4 de setembro, corrigir, por meio de um sinal eletrônico, a trajetória da sonda espacial, quando esta se encontrava a 2.400.000 quilômetros, aproximadamente, da Terra. Essa manobra, segundo informações prestadas, teve por objetivo retificar um "êrro de tiro" que faria a sonda espacial passar a 400.000 quilometros de Vênus. Com a correção efetuada, calculou-se, o "Mariner II" devia passar a uma pequena distância do referido planêta. Foi uma manobra de grande precisão, já que se tratava de operar, com um sinal eletrônico de 30 segundos, sôbre órgãos de um pequeno aparelho de 201 quilos, que viajava pelo espaço a uma velocidade de 11.0[illegible] quilômetros por hora, que se achava a quase dois e meio milhões de quilômetros da Terra, e que estava sujeito à atração de vários corpos celestes. O sinal, recolhido por uma antena do satélite, acionou um pequeno motor que desenvolve um empuxo de 50 libras, o qual diminuiu ligeiramente a velocidade da sonda, cuja trajetória foi, assim, corrigida, conforme explicam os técnicos norte-americanos.

A 14 de dezembro de 1962, o Mariner II passou [illegible] 34.766 quilômetros do planêta Vênus, e, como diz o Dr. William H. Pickering, diretor do Laboratório de Jatopropulsão do Instituto de Tecnologia da Califórnia, a nave espacial completou com êxito o primeiro passo para a exploração de outros planêtas do nosso sistema solar.



Está em construção nos EE UU um veículo que, em 1970, segundo dizem, levará três homens à Lua

Durante 109 dias, desde seu lançamento a 27 de agôsto até 14 de dezembro de 1962, o Mariner II funcionou automàticamente em condições extremamente hostis no espaço exterior. Durante êsse período, todos os que haviam trabalhado no projeto acompanharam emocionados a sensacional experiência. O seu sistema de comunicações com a Terra funcionou perfeitamente como mostra a série de informações enviadas pela aeronave.

Ao passar pelas proximidades de Vênus, o Mariner II realizou explorações do planêta, colhendo e transmitindo para a Terra dados preliminares sôbre as condições existentes naquela área espacial.

Curiosas são as "atitudes" que a aeronave tinha que manter para garantir seu próprio funcionamento. Seu painel de células solares, por exemplo, precisava estar voltado permanentemente para o Sol, a fim de captar devidamente a necessária energia para o funcionamento das suas peças eletrônicas. O ângulo da sua antena precisava alterar-se constantemente para que ela se mantivesse constantemente apontada para a Terra. Suas mensagens codificadas foram ininterruptamente enviadas para os postos de escuta na Terra, durante 24 horas diárias, até que a nave alcançou a distância de 86.400.000 quilômetros do nosso planêta, a 4 de janeiro de 1963, quando enviou sua última mensagem à Terra. Havia, assim, cumprido brilhantemente a sua missão.

A 3 de outubro de 1962, o astronauta norte-americano Walter M. Schirra Jr., lançado pelo poderoso foguete "Atlas", que é da altura de um edifício de dez andares, deu, a bordo da cápsula "Mercury" "Sigma 7", seis voltas em tôrno da Terra, em 9 horas e 13 minutos de vôo, sendo recolhido por um porta-aviões no Oceano Pacífico, na região da ilha de Midway, como estava previsto.

A 15 e 16 de maio de 1963, Leroy Gordon Cooper, dos Estados Unidos, circundou a Terra 22 vêzes, voando a uma velocidade de 8 quilômetros por segundo, em altitudes superiores a 160 quilômetros da superfície terrestre. Sua viagem teve por objetivo permitir a conclusão do estudo dos efeitos provocados pela gravidade no vôo espacial e a obtenção dos dados científicos ainda necessários para enviar uma nave espacial tripulada por 2 homens (Projeto Gemini) e, em seguida, outra à Lua (Projeto Apolo).

Enviar homens à Lua, a Marte e a Vênus, eis o próximo alvo dos Estados Unidos e da União Soviética.

Quando do lançamento do Lunik I, em janeiro de 1959,

Um astronauta

disse o prof. D. Martynov, diretor do Instituto Astronômico de Sternberg:

"Diante de nós se coloca o problema do envio de novos e maiores foguetes sôbre a Lua, Vênus e Marte".

Em outubro de 1959, após o lançamento do Lunik III, declarou o prof. Ciril Ogorodnikov:

"Os cientistas e técnicos que construíram o aparelho (Lunik III) nos asseguram

que, agora, estamos em condições de efetuar operações similares em relação a Vênus e Marte".

O prof. Ogorodnikov acrescentou que, no momento, a Lua continuava a ser o alvo primordial dos russos, que pretendem colocar nesse satélite equipamento destinado a reunir e transmitir informações sôbre o mesmo. Disse ainda:

"Numa segunda etapa, que poderá seguir-se muito ràpidamente à primeira, o homem pousará na Lua, que se transformará em nossa principal plataforma espacial para viagens no sistema solar".

Na opinião do dr. Albert C. Hall, vice-presidente encarregado do Departamento de Engenharia da Martin Company, uma das emprêsas a cujo cargo está a construção do "Apolo", veículo espacial tripulado, com o qual os Estados Unidos planejam o envio de três homens à Lua, entre 1968 e 1970, foguetes de propulsão nuclear poderão, entre 1970 e 1980, levar o homem à superfície de Marte e trazê-lo de volta à Terra.

Para dar-nos uma idéia dos rios de dinheiro que se gastam nos projetos astronáuticos, o dr. Hall observa:

"Estima-se que o custo de ida de um homem à Lua e de seu regresso à Terra, são e salvo, pode ascender a 30 bilhões de dólares".

Outro veículo espacial em construção nos Estados Unidos é o "Saturno", cujo programa foi iniciado em meados de 1958. Baseado no rítmo dos trabalhos relacionados com êsse projeto, o dr. Werner von Braun fêz a seguinte declaração:

Como será, afinal de contas, conquistado o espaço?

"Por que estamos, então, realizando tais esforços para deslocar o homem a outros corpos celestiais, quando ainda não resolvemos inteiramente os seus problemas de vida na própria Terra?

"Apesar de parecer um absurdo à primeira vista, as pesquisas espaciais são, na realidade, vitais à sobrevivência da espécie humana, pelo menos dentro dos padrões morais fixados como herança dos nossos antepassados.

"Em virtude do explosivo crescimento das populações em nosso planêta, calcula-se que, dentro de 500 anos não haverá espaço na superfície da Terra para alguém poder deitar-se e dormir, pois sòmente haverá lugar para tôda a humanidade ficar em pé".

No que tange ao problema do "espaço vital" para acomodar a raça humana que se multiplica sem parar, salientou o prof. A. C. B. Lovell, da Inglaterra:

"Estamos vivendo momentos cruciais que nos obrigam a pesquisar os fundamentos da natureza do Universo".

O futuro da humanidade está preocupando a todo E a conquista do espaço sideral é considerada uma necessidade absoluta.

Como será, afinal de contas, conquistado o espaço? Como lograremos visitar outros mundos? Não como pensa a Astronáutica. Não com foguetões, não com aeronaves, não com artifícios da técnica humana, ainda que

esta alcance um grau de avançamento milhares de vêzes maior do que até hoje alcançou. Se os homens conseguirem enviar veículos espaciais à Lua, Marte ou Vênus, que estão pertinho de nós, com isso nem sequer terão, por assim dizer, saído do quintal de casa. Tão vasto é o Universo, que, embora os homens chegassem a viajar à velocidade da luz (o que é impossível), jamais, com os recursos humanos, conseguiriam conquistá-lo, pois, para tanto, nem daria a duração de uma vida humana.

Se os homens pretendem chegar aos outros mundos espalhados pelo Universo, é porque crêem haver nêles vida.

A antiga convicção da existência de uma pluralidade de mundos habitados por sêres inteligentes, superiores aos homens, convicção essa que até há pouco era mantida quase exclusivamente por teólogos e filósofos, é agora compartilhada também por muitos cientistas.

"Um verdadeiro cientista", diz um escritor, "é também filósofo, e um filósofo acredita sempre que a vida não é um capricho isolado e único, mas sim que existe em todo o Cosmos. Não é ao cientista-filósofo, mas ao cientista-técnico — aquêle homenzinho que não pode acreditar em Deus só porque não lhe pode tomar a temperatura, nem lhe examinar a análise espectroscópica — que repugna a idéia de um sêr maior do que êle próprio... Mas o pequeno cientista-técnico, semiversado numas tinturas de química e de física, (que não acredita na existência de sêres inteligentes a povoar todo o Universo governado por um Deus que é a causa primária de tudo), êsse (cientista) não tem a menor desculpa. Devia abandonar tôdas as pretensões ao título de 'cientista', que significa 'aquêle que sabe' e 'aquêle que pensa', pois não faz nenhuma destas coisas".

"Na casa de Meu Pai há muitas moradas"

Não há dúvida de que todo o Universo é repleto de mundos habitados por sêres inteligentes, superiores, e, para sairmos daqui em visita a êsses mundos, há apenas um meio:

É alcançarmos, perante Deus, o direito moral para êsse fim, a exemplo dos dois primeiros astronautas mencionados na Bíblia: Enoque, que "foi trasladado" (Hb 11:15) desta Terra para outro planêta, e Elias, que "subiu ao céu num redemoinho" (II Rs 2:11). Os que alcançarmos êsse direito poderemos visitar todos os mundos e ver a gloriosa obra das mãos de Deus, pois será para nós a promessa de Cristo:

"Na casa de Meu Pai há muitas moradas. Se assim não fôra, Eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar. E quando eu fôr, e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que onde eu estou estejais vós também". Jo 14:2, 3.

E serão para nós, igualmente, muitas promessas da Palavra de Deus, como, por exemplo, esta:

"Porquanto o Senhor mesmo, dada a Sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com êles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor". I Ts 4:16, 17.

Seguiremos o caminho de Enoque e Elias.

Os que, mediante um processo de reconstrução, formos completamente regenerados e definitivamente salvos, e, por conseguinte, "havidos por dignos de alcançar o

continua na pág. 19

O Primado de São Pedro

"E, chegando Jesus às partes de Cesaréia de Filipo, interrogou os seus discípulos, dizendo: Quem dizem os homens ser o Filho do Homem? E êles disseram: Uns João Batista, outros Elias, e outros Jeremias ou um dos Profetas. Disse-lhes êle: E vós, quem dizeis que eu sou? E Simão Pedro, respondendo, disse: Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo. E Jesus, respondendo, disse-lhe: Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque to não revelou a carne e o sangue, mas meu Pai, que está nos céus. Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sôbre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela". Mt 16: 13-18.

A verdade confessada por Pedro é o fundamento da igreja. Esta interpretação é favorecida pela forma feminina da palavra grega — *petra* — e especialmente pelo movimento da conversação como um todo, mantida por Cristo com seus discípulos. Pedro havia dito: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo". A essa confissão referiu-se Cristo como sendo a pedra fundamental de Sua igreja. Isso está de acôrdo com sua declaração habitual: "Quem quer que me confessar diante dos homens, eu o confessarei diante de meu Pai" e com as declarações dos apóstolos — como João: "Quem quer que confessa que Jesus é o Filho de Deus, Deus estará nêle e êle em Deus". Mt 10:22; I Jo 4:15.

Agostinho dá a seguinte paráfrase de Mt 16:18. "Tu és Pedro, teu nome significa pedra, e sôbre a rocha, minha própria pessoa divina, edificarei minha igreja, já que me confessaste como o Filho de Deus".

A interpretação romana, de ter sido Pedro indicado como a rocha ou alicerce da igreja, não pode ser aceita pelos seguintes motivos:

1. Nas passagens paralelas — Mc 8:29 e Lc 9:20 — Cristo faz aos discípulos a mesma pergunta referida por Mateus — "Quem dizeis que sou eu?" — a que Pedro deu a resposta: "Tu és o Cristo", como reproduzido por Marcos, ou "Tu és o Cristo de Deus", como registrado em Lucas. Com estas palavras, segundo ambos os evangelistas, sustou-se a conversação. Se os apóstolos e a igreja do primeiro século tivessem tido a mais pequenina idéia de que Pedro houvesse sido nomeado chefe da igreja, seria muito difícil desculpar a importante omissão, por parte dos dois evangelistas, das palavras: "Tu és Pedro, e sôbre esta pedra edificarei a minha igreja". Marcos e Lucas não merecem ser chamados heréticos?

2. Na Bíblia, Cristo é chamado a rocha, ou o fundamento, ou pedra angular da igreja. "Ninguém pode pôr outro fundamento — disse Paulo — senão o que foi pôsto, que é Jesus Cristo". I Co 3:11. Em parte alguma Pedro é chamado "alicerce" da igreja. Os apóstolos tinham sido instruídos pelo Velho Testamento a pensarem em Cristo como sendo a Rocha. Em muitas passagens ocorrem expressões como esta: "O Senhor é minha rocha e minha fortaleza" — e seria natural que Cristo seguisse tal uso. Em Isaías 28:16 lemos:

"Portanto assim diz o Senhor Deus: Eis que eu assentei em Sião uma pedra, pe-

dra já provada, pedra preciosa, angular, sòlidamente assentada; aquêle que crer não foge".

3. Tudo quanto sabemos a respeito de Pedro, pelo livro de Atos, se opõe à teoria romana. Os doze apóstolos designaram os sete diáconos. (At 6:1-6). No sínodo de Jerusalém, fala-se de Pedro como de um dos apóstolos (At 15:4, 14). Êle não tentou perdoar pecados e recusou adoração (At 8:22; 10:25). Do mesmo modo as epístolas de S. Pedro nada revelam do espírito de alguém que estivesse cônscio de ser chefe da igreja. Pedro fala de Cristo como "Pedra angular", e dos cristãos, indistintamente, como "pedras vivas", e de si mesmo êle diz: "sou também presbítero com êles". (I Pe 2:5; 5:1).

4. O título "cabeça da igreja" é usado certo número de vêzes por Paulo em suas cartas aos Efésios e Colossenses, sendo invariàvelmente aplicado a Cristo.

5. No Novo Testamento os apóstolos se associam como iguais em autoridade. Nenhuma distinção foi feita em favor de Pedro, quando lhes foi dada a ordem de irem por todo o mundo, a pregar o Evangelho (Mt 28:19). Segundo Paulo, "Deus estabeleceu alguns na igreja: primeiramente, os apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, doutores". (I Co 12:28). Se tivesse sido conferida a primazia a Pedro, seria natural que Paulo dissesse: "Deus estabeleceu alguns na igreja: primeiro, Pedro, o Papa; depois, os apóstolos..." Quando Pedro e João foram a Samaria, não partiram por sua própria deliberação; ambos foram "enviados pelos apóstolos" (At 8:14). Nenhuma precedência se dá a Pedro entre os nomes dos doze apóstolos, representados como esculpidos nos doze fundamentos da Nova Jerusalém. (Ap 21:14).

6. A posição de Paulo na igreja desmente a teoria de que alguém estivesse acima dêle, a não ser Cristo. Se Paulo alguma vez ouviu dizer que Pedro fôra designado por Cristo como cabeça da igreja, êle não só deliberadamente deixou de tomar conhecimento dêsse fato, mas o desmentiu. Os cristãos — escreveu êle — são "edificados sôbre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo a principal pedra angular o próprio Cristo Jesus" (Ef 2:20). Insistiu em sua própria comissão independente como apóstolo dos Gentios, enquanto que a Pedro fôra confiado o apostolado da Circuncisão (Gl 2:7). Em relação à igreja de Roma, se Pedro alguma vez se relacionou com ela, o Novo Testamento não julgou tal relação de suficiente importância para a mencionar explìcitamente. A carta aos cristãos romanos foi escrita por Paulo. Paulo pregou em Roma, escreveu cartas de Roma e em Roma fêz conversos, como Onésimo. Da mesma sorte, em lugar de dizer que o cuidado de tôdas as igrejas pesava sôbre si (II Co 11:28), teria modificado o modo de se expressar, se a qualquer autoridade humana, superior a êle, houvesse sido outorgada a primazia na igreja. Demais, Paulo repreendeu a Pedro e lhe resistiu (Gl 2:11) num dos períodos mais críticos da igreja apostólica, quando se levantou a questão sôbre se os gentíos deviam ser recebidos na igreja mediante profissão de sua fé em Cristo, ou sòmente depois de terem cumprido o ritual mosaico, como Pedro afirmava. No Novo Testamento ninguém é exortado a confiar em Pedro ou a ir a Pedro para ter as palavras de vida. Quando Paulo falou dos partidos em Corinto (I Co 1:12), tratando-se cada qual pelos nomes de Paulo, Pedro, Apolo e Cristo, o apóstolo deu todo destaque a Cristo, como é natural inferir, reduzindo à paridade os três obreiros apostólicos.

7. Pedro se assentou nos bancos, no único Concílio da igreja referido como tendo tido lugar nos tempos apostólicos — o Concílio reunido em Jerusalém, no ano 51. Tiago foi o presidente (At 15:13). Por quê Pedro não presidiu a êle, se fôra constituído chefe da igreja?

8. As interpretações de Mt 16:18, dadas pelos padres, foram eminentemente contrárias à opinião de que

(*Continua na pág.* 26)

O Ho

Evolução c

Afirmam os geólogos que a Terra não foi sempre habitada, e, pois, surge a pergunta: "Qual é a origem do homem?"

Apresentam-se duas respostas: uma baseada no evolucionismo e outra no criacionismo.

O evolucionismo através da História

O evolucionismo é um sistema doutrinário que aventa a hipótese segundo a qual a vida teria começado nos mais ínfimos estados da matéria, elevando-se gradualmente, por transformação progressiva das espécies, até o homem.

Anaximandro, filósofo grego do sexto século antes de Cristo, foi, ao que se acredita, o primeiro a sugerir a idéia da origem do homem por evolução.

Empédocles, filósofo grego do quinto século antes de Cristo, acreditava igualmente na evolução gradativa das espécies. Cria na sobrevivência do mais apto. Atribuía a origem da vida à geração espontânea.

Aristóteles, outro filósofo grego do quarto século antes de Cristo, também cria na evolução. Ensinava que o homem é o mais elevado grau de uma longa e contínua ascendência.

Os egípcios pensavam que o homem se tinha originado de certos vermes brancos existentes no lodo deixado pelo Nilo após as enchentes anuais.

Os maias do México ensinavam que o Deus da chuva havia feito o rio, o qual gerou o peixe, e êste, por sua vez, se transformou em serpente, da qual se originou o homem.

Durante a Idade Média, muitos teólogos, embriagados com a filosofia grega, adotaram idéias pagãs, evolucionistas, quanto à origem do homem. Santo Agostinho, dos séculos IV e V, e São Tomás de Aquino, do século XIII, foram seus expoentes máximos.

Os escolásticos da Idade Média ensinavam que a Terra produzia, contìnuamente, da matéria bruta, morta, grandes quantidades de sêres vivos por geração espontânea.

Por volta do fim do século XVIII desenvolveu-se grandemente a hipótese evolucionista, mercê da contribuição dos escritos de Buffon, Erasmo Darwin, Goethe, Lamarck, Saint-Hilaire, etc.

Lamarck (1744-1829) ensinava que os primeiros sêres vivos foram formados por geração espontânea; e êstes teriam evoluído até o homem, graças a três fatôres principais: o meio, a hereditariedade e o tempo.

Darwin (1809-1882) preconizava os seguintes fatôres como responsáveis pela suposta transformação das espécies:

Não um só, mas m
seriam necessários para

m e m –

u Criação?

as centenas de elos
ir o homem ao macaco

1. Seleção natural mediante:

a. Luta pela existência;

b. Sobrevivência do mais apto;

c. Adaptação.

2. Seleção sexual que completaria a seleção natural.

A teoria de Darwin teve na Inglaterra, como grande defensor, Thomas Henry Huxley, e, na Alemanha, Ernst Haeckel.

Seitas evolucionistas

As hipóteses discordantes dos evolucionistas tiveram acesso à imprensa, e a barafunda das suas divergências aumentou incessantemente, destacando-se as teorias dos seguintes expoentes:

Haeckel (teoria da recapitulação ontogenética da filogênese);

Kroschinski e de Vries (teoria do mutacionismo).

Ungerer (teoria da mutação embrional);

Jaeckel (teoria da metacinese);

De Beer (teoria da pedomorfose);

Volk (teoria da fetalização);

Beurlen (teoria da neomorfose);

Franz (teoria da desviação ontogenética);

Blanc (teoria da cosmólise).

Também merecem ser mencionadas as teorias de Baldwin, Morgan, Osborn, Rosa, Aimer, Naegeli e outros.

As idéias evolucionistas são tão divergentes que é algo difícil classificá-las, mas podem ser agrupadas em quatro categorias gerais, a saber:

1. Evolucionismo mecanicista — Ensina a evolução universal destituída de qualquer finalidade e pretende que na matéria assim como na vida se operem constantemente mudanças produzidas por combinações fortuítas e arranjos casuais.

2. Evolucionismo emergente — Considera o Universo regido por leis, mas capaz de produzir novidades.

3. Evolucionismo teleológico — Ensina que o mero acaso não é capaz de coordenar e fazer convergir uma série de fatos físicos e químicos necessários à conservação de uma vida, nem determinar a direção e a hierarquização das partes componentes de um todo, nem regular a sua auto-reparação, a sua adaptação e a sua reprodução, etc. Não admite, por exemplo, que o mero acaso seja capaz de organizar um maravilhoso instrumento, de delicada e complicada precisão, como o ôlho do homem, inteiramente dedicado à finalidade da visão. A observação da Natureza sugere copiosos outros exemplos, mostrando que o homem, bem como as inúmeras espécies animais e vegetais, com seus complicadíssimos órgãos, surgiram em obediên-

cia a um plano que teve origem numa fôrça inteligente, que para cada coisa previu a sua finalidade. Concluem, pois, os advogados dêste sistema, que, se há evolução, esta implica um processo teleológico, um plano que desde o princípio vise o fim (telos) a atingir, uma orientação inteligente, a ação de uma Causa Primária, Superior, que é Deus.

4. Evolucionismo regressivo — Sustenta que houve involução, ou seja, o contrário de evolução, ou, em outras palavras, degeneração. E êste tem alguma base.

Estacas do evolucionismo

Os principais argumentos que os evolucionistas, de modo geral, aduzem em favor do seu sistema doutrinário, são os seguintes·

1. A semelhança de formas entre os animais superiores e o homem;
2. As mutações;
3. Os vestígios orgânicos;
4. A pretensa descoberta de alguns dos supostos "elos faltantes";
5. A suposta recapitulação da raça no desenvolvimento do embrião;
6. Os testes sanguíneos;
7. A distribuição geográfica.

Essas estacas não se mantêm de pé. Vejamos:

1. A semelhança de formas — Não negamos as semelhanças genéricas que existem entre as espécies vivas na longa linha ascendente, mas consideramos como arranjo puramente arbitrário a classificação que os evolucionistas fazem, do mais simples para o mais complexo, por onde querem provar que a vida animal evoluiu seguindo uma longa cadeia ascendente, que termina no homem.

Se fizéssemos como os evolucionistas, tomaríamos, por exemplo, um grupo de veículos, e colocaríamos em primeiro lugar na fila um automóvel-brinquedo de criança e em último lugar o mais aperfeiçoado dos modernos autos de passeio, e diríamos que o último descende do primeiro por evolução, como mostra a linha ascendente em que os vizinhos se aproximam por suas semelhanças.

O mesmo poderíamos fazer com uma fila de prédios, começando com um casebre e terminando com o mais imponente dos arranha-céus. E se disséssemos que o último provém do primeiro, por evolução, não teríamos menos base que os evolucionistas.

2. As mutações — O raro fenômeno das mutações espontâneas, responsável pela produção de novas variedades dentro da mesma espécie, pode, segundo a Biologia, ser multiplicado por processos experimentais, como, por exemplo, o calor, certas substâncias químicas, os raios X e outras radiações de ondas curtas. Aliás, sob o efeito das radiações, foram levadas a cabo exaustivas experiências com a drosófila. Eis o que a Enciclopédia Britânica diz sôbre o fenômeno das mutações:

"A característica mais comum das mutações, em virtude de sua natureza acidental, é um efeito degenerativo, bem ilustrado por uma linha fortuíta de mutações da drosófila, em que olhos, asas, cerda e pigmentação defeituosos são a regra". — Vol. 8, pg. 927.

"Justamente como acontece com as mutações espontâneas, as mutações induzidas por raios X são geralmente deletérias ou letais". — Vol. 11, pg. 491.

À luz dessas declarações, os mutantes não são especímenes evoluídos, mas, sim, degenerados, pelo que o fenômeno das mutações, longe de ser benéfico à teoria da evolução, lhe é prejudicial. Em todo caso, a suposição de que as mutações possam produzir novas espécies, carece de confirmação científica.

3. Os vestígios orgânicos — Os evolucionistas costumavam apontar na espécie humana aproximadamente 180 vestígios orgânicos considerados como remanescentes de órgãos outrora requeridos pelas formas ancestrais inferiores e agora desnecessárias ao homem. Com o incremento da Ciência, a lista dêsses vestígios orgânicos foi diminuindo gradativamente, de modo que hoje só costumam ser mencionados alguns, e muitos evolucionistas receiam mesmo chamá-los de vestígios orgânicos, visto como cientistas de

renome ensinam que cada qual tem sua função específica. Assim, por exemplo, o Prof. E. S. Goodrich, da Universidade de Oxford, afirma:

"Seria um homem precipitado quem agora afirmasse que qualquer parte do corpo humano é inútil".

4. Os elos faltantes — Os evolucionistas pretendem ter descoberto alguns dos "elos faltantes" que precisariam existir para ligar o homem a um grupo de animais morfològicamente simiescos. Assim, por exemplo, encontraram o homem de Neanderthal em 1857, o homem de Java em 1891, o homem de Piltdown em 1912, o homem de Pekim em 1927, e outros. Mas cientistas de renome, e mesmo evolucionistas, recusam admitir a validade dessas descobertas.

Afirma o Prof. Arthur Keith, evolucionista:

"De acôrdo com o registo geológico como hoje se apresenta, não nos é possível determinar a origem do homem em base de nenhum dêsses tipos extintos".

O Prof. W. Branco, da Universidade de Berlim, declara:

"A paleontologia nada nos diz a êsse respeito; ela não conhece nenhum ancestral do homem".

Austin H. Clark, biologista da Smithsonian Institution, diz:

"Os 'elos faltantes' são falsas interpretações".

Mortillet, ardoroso defensor do evolucionismo, assevera:

"Poderemos nós, entre êstes restos, reconhecer alguns vestígios de um antropopiteco, de um precursor do homem? Não o creio".

Não um só, mas muitas centenas de elos seriam necessárias para unir o homem ao macaco, e muitos milhões para unir as outras incontáveis espécies animais entre si. Mas a paleontologia não é capaz de fornecer um só elo válido para unir duas famílias quaisquer.

5. A suposta recapitulação da raça no desenvolvimento do embrião — Haeckel ensinava: "A história do feto é a recapitulação da raça". Com isso êle e outros evolucionistas queriam dizer que o embrião humano no seu desenvolvimento, percorre a série de formas animais inferiores através das quais teria evoluído o homem. Bastam, para refutar essa idéia, as palavras do Prof. Arthur Keith, evolucionista:

"Esperava-se que o embrião recapitulasse as características dos antepassados, desde as menores até as maiores formas do reino animal. agora que se conhecem as aparências do embrião em tôdas as fases, o sentimento geral é de desapontamento, pois o embrião humano em nenhuma fase tem aparência antropóide".

6. Os testes sanguíneos — O Prof. George Nuttal, da Universidade de Cambridge, desenvolveu um método de exame de sangue pelo qual o sangue dos macacos, chimpanzés e gorilas reage de modo semelhante ao sangue do homem, por onde muitos evolucionistas concluem que êste deve ter origem simiesca. Supõem êles que a quantidade de precipitado branco revela no teste sanguíneo o grau de humanidade. Acontece, porém, que o sangue de chimpanzé dá mais precipitado branco que o sangue humano. Nesse caso, êsse símio teria que ser mais humano que o próprio homem!

7. A distribuição geográfica — Baseados no aparecimento de variedades de animais que diferem mais ou menos de um lugar para outro, crêem muitos evolucionistas que, com o decorrer de milhões de anos, podem os organismos sofrer mudanças básicas. Contudo, a distribuição geográfica apenas mostra o aparecimento de novas raças dentro de um mesmo tipo básico já existente. Em nenhum caso prova o desenvolvimento de novos tipos básicos.

A filosofia evolucionista diante dos fatos

1. O início da vida.

Lamarck e outros evolucionistas apregoavam a geração espontânea como sendo a explicação do problema do início da vida. Mas desde que essa hipótese foi destruída pelas experiências de Pasteur e Chevreul, o evolucionismo mecanicista não tem ponto de partida.

Um dos fatos básicos, mais firmemente estabelecidos pela Biologia, é que a vida só

pode provir da vida. Jamais se conseguirá ver ou reproduzir uma amostra do suposto primitivo protoplasma físico-químico que teria sido a origem da vida.

Lecomte du Nouy, cientista francês, afirma:

"Não há um único fato ou uma única hipótese hoje em dia que dê uma explicação do nascimento da vida ou da evolução natural".

Lord Kelvin, um dos maiores cientistas, assevera:

"A vida provém da vida e sòmente da vida".

O Prof. Conn declara:

"Não há a mais leve evidência de que a matéria viva possa surgir da matéria morta".

2. A descontinuidade no registro das rochas.

Informam os paleontólogos que nas camadas rochosas chamadas *cambrianas* aparece repentinamente grande variedade de formas de animais fósseis, ao passo que nas camadas pré-cambrianas não aparece pràticamente nenhum fóssil. Donde teriam evoluído êsses animais? Há, outrossim, uma regular ausência de formas transitórias entre os tipos básicos.

Diz o cientista Lecomte du Nouy:

"Cada grupo, ordem ou família parece ter aparecido repentinamente, e é difícil encontrarmos formas ligando uma classe a outra, precedente. E quando as descobrimos, já estão completamente diferenciadas. E, não sòmente não se encontram formas transitórias, mas, em geral, é impossível relacionar autênticamente um novo grupo com outro mais velho".

No registro das rochas não existe continuidade orgânica geral dos descendentes, e "a falha da paleontologia em produzir essa evidência", diz Gaylord Simpson, "foi tão profundamente sentida, que alguns naturalistas, desiludidos, decidiram mesmo que a doutrina da evolução orgânica, ou da continuidade orgâera acima de tudo errada". nica geral dos descendentes,

3. A imutabilidade das espécies.

Na Biologia é muito conhecida a lei da homogenesia, segundo a qual as gerações sucessivas são semelhantes, não havendo alternância de geração. A genética confirmou plenamente o mendelismo, que estabelece a hereditariedade dos caracteres biológicos.

4. A falta de provas em favor da hipótese evolucionista.

Os maiores evolucionistas confirmam que não há provas em favor do seu sistema filosófico.

O Prof. Arthur Keith afirma:

"A evolução não foi nem será provada".

Thomas Hunt Morgan admite:

"Dentro do período da história humana não sabemos de um único exemplo de transformação de uma espécie (tipo básico) em outra... Pode afirmar-se que a teoria da descendência é portanto falha no seu ponto mais importante, com o qual ela deveria contar para colocar-se sôbre uma base científica".

Ives Delages, professor em Sorbonne, Paris, declara:

"Não tenho dificuldade em admitir que jamais se viu uma espécie orgânica gerada de outra diferente, e que as observações realizadas tão pouco provam ter-se êste fato efetuado em épocas anteriores".

O Prof. D. M. Watson, da Universidade de Londres, diz:

"A evolução em si mesma é aceita pelos zoólogos, não porque tenha sido observada ou ... possa ser provada como verdadeira por uma evidência lógica e coerente, mas porque a outra alternativa, a criação especial, é claramente incrível".

O Dr. L. H. More confessa:

"Nossa fé na idéia da evolução depende de nossa repugnância em aceitar a doutrina antagônica da criação especial". — *The Dogma of Evolution,* pg. 304.

Essas confissões são suficientes para pôr em pratos limpos tôda a questão: A fé, ou, melhor, a credulidade dos evolucionistas não se baseia em provas, evidências ou boas razões, mas ùnicamente na sua cega obstinação às superabundantes evidências do Poder Criador que trouxe à existência tôdas as formas de vida.

Conclusão

Uma vez que as experiências científicas deitaram por

terra a teoria da geração espontânea, não resta outra alternativa que aceitar a criação para explicar a origem da vida sôbre a face da Terra. O próprio Haeckel, um dos maiores paladinos do evolucionismo, confessou:

"Se se rejeita a hipótese da geração espontânea, necessário é recorrer ao milagre duma criação sobrenatural".

A lei da reversão, descoberta por Gregor Johann Mendel, a qual estabelece que, em casos de cruzamento, os descendentes volvem definitivamente ao tipo racial de um e de outro de seus antepassados, o que limita a variação do tipo, foi plenamente confirmada por numerosos biólogos conscienciosos.

"A genética moderna... provou que não se transmitem" as características adquiridas por plantas ou animais (Revista *Life* de *7-3-1947).*

"A genética aduziu evidência forçosamente convincente de que... quando o indivíduo modificado procria, transmite à sua descendência genes não afetados por suas próprias 'características adquiridas'..." — Enciclopédia Britânica, vol. 22. pg. 988.

Êsse fato representa um golpe mortal contra a teoria evolucionista. O próprio Herbert Spencer, talvez o maior dos filósofos do evolucionismo, escreveu:

"Ou tem havido herança de caracteres adquiridos, ou não tem havido evolução".

Excluída, também, pelas experiências científicas, a teoria da herança dos caracteres adquiridos, não resta outra alternativa que aceitar o relato bíblico da criação, segundo o qual todos os sêres vivos foram formados por Deus, no princípio, com suas próprias características específicas imutáveis. Disse Deus: "Produza a Terra sêres viventes, conforme a sua espécie". Gn 1:24. "Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança... Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou". Gn 1:26, 27. A Ciência não é capaz de aduzir fatos para negar a criação.

---

continuação da pág. 11

mundo vindouro" (Lc 20:35), teremos, com a segunda vinda de Cristo, o privilégio de entrar em contacto pessoal e direto com os habitantes dos outros planêtas, sêres majestosos, formosos, nobres, puros, retos, felizes, que se regozijarão sobremaneira em ver-nos restaurados ao estado de perfeição em que êles se encontram. E não poderemos mais morrer, porque seremos "iguais aos anjos" e estaremos na cat goria dos "filhos de Deus (Lc 20:36) que povoam o outros mundos que não c nheceram, como nós, o pec do e seu cortejo de cons qüências.

Então "todos os tesour do Universo estarão abert ao estudo dos remidos d Deus. Livres da mortalid de, alçarão vôo incansáv para os mundos distantes - mundos que fremiram d tristeza ante o espetáculo d desgraça humana, e resso vam com cânticos de alegr cada vez que ouviam as n vas de uma alma resgatad Com indescritível deleite filhos da Terra entram d posse da alegria e sabedor dos sêres não caídos. Par cipam dos tesouros do sab e entendimento adquirid durante séculos, na conter plação da obra de Deus. Co visão desanuviada olham p ra a glória da criação — só estrêlas e sistemas planet rios, todos na sua indicad ordem, a circular em red do trono da Divindade. E tôdas as coisas, desde a mír ma à maior, está escrito nome do Criador, e em tôd se manifestam as riquez do Seu poder". — E. White, *The Great Controve sy,* pg. 677.

Eis a maneira como se conquistado o espaço. Es proeza caberá, não aos cie tistas, e, sim, aos justos, a salvos, que podem desde considerar-se os verdadeir astronautas.

Nega a Ciência a Existência de Deus?

Alfonsas Balbachas

Essa pergunta tem sido feita incontáveis vêzes, e ainda hoje deparamos com ela

Certa vez o dr. Dennert, famoso naturalista alemão, deu-se ao trabalho de tomar o pulso religioso dos 432 mais conhecidos sábios dos últimos 300 anos, e chegou ao seguinte resultado:

15 agnósticos
16 ateus
367 crentes
34 de mentalidade religiosa desconhecida, por falta de documentos.

C. L. Drawbridge, autor do livro *The Religion of Scienti ts* (A Religião dos Cientistas), expediu certa vez uma circular a todos os *Fellows* da *Royal Society of London for Improving Natural Knowledge* (Membros da Sociedade Real de Londres Pró-Desenvolvimento do Conhecimento Natural), auscultando-lhes os diferentes pontos de vista sôbre a fé religiosa. Perguntou: "Achais que a Ciência nega a idéia de um Deus pessoal conforme ensinado por Jesus Cristo?" Em resposta, 26 disseram "Sim" e 103 disseram "Não". Perguntou também: "Achais que os recentes e notáveis desenvolvimentos do pensamento científico favorecem a crença religiosa?"; 27 responderam negativamente e 99 afirmativamente.

Outro estudo muito interessante nesse campo foi feito pelo francês Antonin Eymieu, que relata:

"Entre os sábios reconhecemos a 150 o título de iniciadores... (e êle dá os nomes de todos êles juntamente com os ramos da Ciência a que se dedicaram)...

"Entre êsses 150 maiores sábios", continua Eymieu, "há 13 cujos sentimentos religiosos nos são desconhecidos...; há 9 indiferentes ou agnósticos...; ficam portanto 128 dos maiores sábios que tomaram posição perante o problema religioso e que se dividem assim: 5 ateus..., isto é, menos de 4%, e 123 crentes, isto é, pouco mais de 96%". — *La Part des Croyants dans les Progrés de la Science au XIX Siècle.*

Não podemos, neste ensejo, passar por alto o fato de que os sábios cujos nomes ficaram mais célebres na História desde o século XVI, foram crentes fervorosos. Eilos:

Copérnico, astrônomo polonês;

Kepler, astrônomo alemão;

Galileu, astrônomo, físico e matemático italiano;

Pascal, homem de ciência e pensador francês;

Mariotte, físico e matemático francês;

Newton, matemático, físico, astrônomo e filósofo inglês;

Lineu, médico e naturalista sueco;

Herschel, astrônomo inglês;

Volta, físico italiano;

Ampère, físico e matemático francês;

Faraday, químico e físico inglês;

Cruveiller, médico francês, um dos maiores especialistas em anatomia patológica;

Maxwell, físico escocês;

Joule, físico inglês;

Pasteur, químico francês;

Lord Kelvin, físico e matemático irlandês;

Marconi, radiotécnico italiano;

Branly, físico francês;

Einstein, físico e matemático alemão.

Eis como alguns dos maiores cientistas exprimiram sua fé em Deus:

Entrego-me ao meu deslumbramento. Tremo. Deus esperou 6.000 anos por um observador de Sua obra. Sua sabedoria é infinita; o que ignoramos está contido Nêle, como também o pouco que

sabemos — Johannes Kepler, astrônomo.

A mim mesmo pareço ser apenas um menino que brinca à beira da praia, de vez em quando achando uma pedra mais polida ou uma concha mais bonita, enquanto o grande oceano da verdade se estende ignoto diante de mim. — Sir Isaac Newton. matemático.

Não pode haver conflito entre Ciência e religião. A Ciência é um método idôneo de descobrir a verdade. A Ciência está em desenvolvimento; mas um mundo que tem Ciência precisa mais do que nunca da inspiração que a religião oferece. — Artur H. Compton, físico.

Uma crença mais profunda e mais firme em Deus é às vêzes o único resultado de uma melhor percepção da verdade. — Albert McC. Winchester, biologista.

O homem que considera sua vida e a de seus semelhantes destituída de sentido não é apenas infeliz; é quase desqualificado para a vida. — Albert Einstein, físico teórico.

A Ciência provou que nada acaba em nada. Assim, a vida e a alma não podem reduzir-se a nada, e portanto são imortais. — Wernher von Braun, perito em mísseis. (Observação: Embora equivocado por crer na imortalidade natural da alma, sua declaração revela sua firme crença em Deus).

Só um poder mais alto do que o homem pode controlar as fôrças da energia atômica. — Lise Meitner, cientista nuclear.

Se um universo pudesse criar-se por si mesmo, encarnaria os poderes de um criador, e seríamos forçados a concluir que o Universo é Deus. — George Davis, físico.

A probabilidade de ter a vida se originado por acaso é comparável à probabilidade de um dicionário completo resultar de uma explosão numa tipografia. — Edwin Conklin, biologista.

O claro e positivo testemunho da grande maioria dos cientistas célebres é que *a Ciência demonstra a existência de Deus.*

O Dr. Charles E. M. Sajous, notável luminar da Ciência, autor da obra "A Fôrça da Religião Revelada pela Ciência", declarou:

"A criação da matéria, do Universo, do sistema solar, da Terra e de todos os sêres vivos, inclusive nós mesmos, impõe a necessidade de Deus em todo o domínio físico, isto é, no cosmos, como explicação de qualquer fenômeno que conhecemos".

Entre os 15.000 membros da Associação Americana Pró-Desenvolvimento da Ciência, é muito difícil encontrar um ateu.

Certa vez um grupo composto dos mais ilustres membros dessa Associação, sob liderança do dr. Millikan, famoso já antes de isolar o átomo, assinou e publicou, através da imprensa, um manifesto declarando, em têrmos que não admitiam dúvidas, a confiança e a fé que professavam ter no Deus Criador de tôdas as coisas.

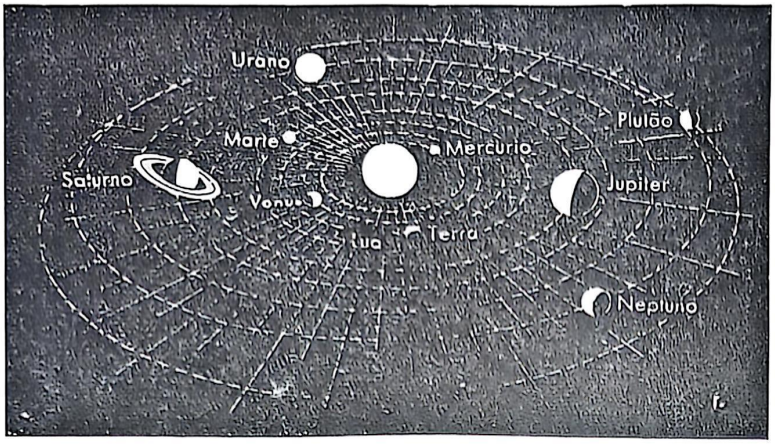
Um estudo consciencioso revela que a Ciência, muito longe de negar a existência de Deus, a confirma mais e mais com cada nova conquista.

"Diz o insensato no seu coração: Não há Deus" (Sl 14: 1), mas o verdadeiro cientista afirma que Deus existe.

Deus Se revela de duas maneiras aos homens: pela Natureza e pela Bíblia. Destas duas revelações, a Ciência toma a primeira como objeto das suas investigações.

"A Ciência natural", diz um escritor, "é a interpretação do Universo físico pelas observações de homens especializados. O 'naturalista' (isto é, o cientista) é simplesmente um ser humano que tem os olhos abertos e vê aquilo que olha...

"Entre os cientistas e as várias escolas de Ciência não



O milagre e mistério do Universo fazem-nos reconhecer a operação do poder infinito

há nenhum desacôrdo com referência aos fatos da Natureza; as únicas discordâncias existentes dizem respeito à maneira de interpretá-los.

"Todos os fatos patentes e positivos da Natureza nos falam da realidade e da presença de Deus em Sua criação. A adulteração de tais fatos é a mais contristadora evidência do método ilógico do ateísmo. Sòmente o cego, ou o deliberadamente desonesto, pode iniciar-se no estudo das Ciências, aceitar as coisas tais quais são, e duvidar da existência de Deus. Até mesmo Huxley, o eminente agnóstico, confessou-se 'absolutamente incapaz de conceber a matéria se não houvesse uma mente para lhe afeiçoar a existência'." — Harry Rimmer, *The Harmony of Science and Scripture.*

"Em tôdas as coisas criadas vêm-se os sinais da Divindade. A Natureza testifica de Deus. A mente sensível, levada em contacto com o milagre e mistério do Universo, não poderá deixar de reconhecer a operação do poder infinito. Não é pela sua própria energia inerente que a Terra produz suas dádivas, e ano após ano continua seu movimento em redor do Sol. Uma mão invisível guia os planêtas em seu giro pelos céus. Uma vida misteriosa invade tôda a Natureza — vida que sustenta os inumeráveis mundos através da imensidade tôda. Encontra-se ela no ser microscópico que flutua na brisa do Verão; é ela que dirige o vôo das andorinhas, e alimenta as pipilantes avezinhas de rapina; é ela que faz com que os botões floresçam, e as flôres frutifiquem.

"O mesmo poder que mantém a Natureza, opera também no homem. As mesmas grandes leis que guiam tanto a estrêla como o átomo, dirigem a vida humana. As leis que presidem à ação do coração, regulando o fluxo da corrente da vida no corpo, são as leis da Inteligência todopoderosa, as quais presidem às funções da alma. DÊle procede tôda a vida...

"O coração que ainda não se acha endurecido pelo contacto com o mal, está pronto a reconhecer aquela Presença que penetra tôdas as coisas criadas. O ouvido, ainda não ensurdecido pelo clamor do mundo, está atento à Voz que fala pelas manifestações da Natureza". — E. G. White, *Educação.*

Conhecer e explicar os fenômenos da Natureza, e não apresentar meras teorias especulativas, eis a verdadeira missão da Ciência.

A menos que a Ciência abandone seu próprio nome, não lhe assiste o direito de apresentar meras hipóteses como representação exata das coisas existentes na Natureza, pois, assim fazendo, põe confusão entre as realidades comprovadas e as suposições que carecem de prova. Não nos esqueçamos de que "ciência" significa "conhecimento", e êste só se ocupa com os puros fatos, nenhum dos quais é incompatível com a idéia de um Criador e Mantenedor do Universo; por isso a Ciência não pode negar a existência de Deus.

Tôdas as hipóteses que se possam formular para excluir a Divindade, conduzem a resultados diretamente contrários aos fatos observados nos domínios da Natureza.

Ao passo que, por um lado, a Ciência, contràriamente ao que muitas vêzes se tem pretendido, nunca pôde e jamais poderá demonstrar a inexistência de Deus, por outro lado as novas conquistas da Ciência só servem para re-

forçar, com nova certeza, a crença na existência de um Criador e Organizador da Natureza.

A Natureza, patente à nossa contemplação, é o efeito de uma causa. Ora, pelo caráter do efeito podemos conhecer o caráter da causa. Se, por exemplo, uma mãe se descuida do seu filhinho e, de repente, lhe ouve os gritos, e, quando vai acudi-lo, já o vê de pé, com o terninho branco sujo de terra e com os cotovelos e joelhos esfolados, ela nem precisa perguntar "o que foi?", porque sabe que foi um tombinho. Ela não precisa ver a causa para conhecê-la; ela a conhece através do efeito visível. Assim quando vemos o salão iluminado com lâmpadas elétricas, não precisamos ver o dínamo da usina para sabermos que a êle se deve a luz que nos alumia. Pelo efeito conhecemos a causa. O médico examina o paciente e pelos sintomas diagnostica a doença. Pelo efeito êle conhece a causa. Nem precisamos ser cientistas, porque os próprios fatos comuns da vida diária nos ensinam que pelo efeito conhecemos a causa, e a Ciência considera valiosíssimo êste princípio.

Para o nosso estudo basta a divisão das causas em duas categorias: (1) o cego acaso e (2) o desígnio inteligente. Para ilustração do que pretendemos dizer, tomemos alguns exemplos:

Andando pelos sertões do Nordeste Brasileiro, encontramos, no leito do cotovêlo de um rio quase sêco por falta de chuva, um montão informe de pedras. Concluímos que a causa dêste efeito é a corrente dágua, portanto, o cego acaso. Noutro lugar, digamos, para o lado da cabeceira do rio Amazonas, deparamos com uma cidade em ruínas no meio da selva. Concluímos que a causa dêste efeito é a atividade e a perícia dos construtores incas, não, portanto, como no primeiro exemplo, o cego acaso, mas, sim, o desígnio inteligente.

Na bandeira brasileira há uma inscrição constante de quinze letras. Se recortássemos tôdas essas letras e as empilhássemos sôbre uma mesa e estêndessemos o pano ao lado dela, num plano inferior, e se por qualquer motivo a pilha tombasse e as letras se esparramassem sôbre a tela, assumiriam uma disposição desordenada, e poderiam cair incontáveis vêzes, durante bilhões de anos, sem nunca, por si mesmos, assumirem a disposição requerida para formar as palavras "Ordem e Progresso", simplesmente porque o cego acaso não é capaz de produzí-la. Se, porém, nos ausentássemos por um momento e, regressando, encontrássemos as letras combinadas de maneira a constituir essa frase, não teríamos a menor dúvida de que alguma pessoa, em nossa ausência, pôs as letras na devida ordem, porque só o desígnio inteligente é capaz de fazer isso.

Tenhamos, pois, em mente que o efeito mostra se a respectiva causa foi o cego acaso ou o desígnio inteligente. E, com esta noção, vamos à apreciação do fato de que, na observação dos fenômenos da Natureza, pelo menos sete grandes efeitos desafiam a incredulidade dos incrédulos no que diz respeito à explicação das causas correspondentes. Trata-se de:

1. A origem da matéria e da energia;

2. A origem do impulso inicial do movimento cósmico;

3. A origem do plano, da organização, da ordem a que todo o Universo está sujeito;

4. A origem da finalidade que aparece na atividade dos sêres que formam o Universo;

5. A origem da vida com seus múltiplos fenômenos;

6. A origem do instinto dos animais, que é o conjunto de atos acompanhados de consciência, mas não de re-

A origem do instinto dos animais, entre outras causas, desafiam os incrédulos...

flexão e inteligência, e que visam determinados fins;

7. A origem da inteligência e da linguagem humanas.

Com razão disse certa vez Cuvier em plena Academia Francesa:

"Um homem que tem olhos para ver as maravilhas do Universo, não pode negar a existência de Deus, a não ser um ímpio e um néscio".

O célebre matemático e astrônomo francês Le Verrier, que só pelo cálculo matemático descobriu em 1846 um novo planêta, Netuno, foi, quando já famoso no mundo, entrevistar-se com o arcebispo de Paris.

— Meu amigo, disse-lhe o arcebispo, agora, sim, podemos dizer com tôda a verdade que o seu nome chegou até aos astros.

— Excelência, respondeu gravemente o astrônomo, eu aspiro a coisa ainda mais elevada.

—Mas como? exclamou admirado o arcebispo.

— Sim, explicou o grande astrônomo, levantando os olhos ao céu, eu aspiro chegar a Deus.

Para os verdadeiros cientistas, cada novo avanço da ciência é não apenas um passo à frente no conhecimento dos arcanos da Natureza, mas também no conhecimento do Criador da Natureza.

"Tôda verdadeira Ciência", diz uma escritora, "não é senão uma interpretação da escrita de Deus no mundo material. A Ciência traz de suas pesquisas apenas novas provas da sabedoria e poder de Deus". — E. G. White, Patriarcas e Profetas, pg. 666.

Como nosso espaço é limitado, não podemos entrar em detalhes sôbre êsses pontos, pelo que vamos restringir-nos.

Certa vez Atanásio Kircher, astrônomo, procurou convencer um amigo incrédulo de que o mundo não se fêz por acaso, mas teve por autor um Ente Supremo.

Colocou num canto da sala de visitas um magnífico globo em que estavam desenhados os continentes e os oceanos.

Chegou o amigo incrédulo e deu com os olhos no globo.

— Magnífico! exclamou; é obra sua, Atanásio?

— Qual o quê, respondeu o astrônomo.

— Pois quem é o autor?

— Ninguém, foi a resposta do astrônomo.

— Ninguém? repetiu o incrédulo. Diga-me por favor quem o fêz, pois é digno de todo o elogio.

— Acredite, disse o astrônomo, que êste globo não tem autor nenhum; apareceu aqui por acaso.

— Desculpe, disse o incrédulo um tanto enfadado; o Senhor tem-me por uma criança? não sou tão néscio que acredite no que o senhor diz.

— É verdade que não é uma criança, replicou o astrônomo; mas tem-me a mim por criança e por néscio, querendo persuadir-me de que o Mundo é obra do acaso. Se o senhor não pode acreditar que um tão pequeno globo se tenha feito por si mesmo, como quer obrigar-me a crer que o Universo com tôdas as suas maravilhas seja obra do acaso? Se para construir um globo tão pequeno se requer uma grande inteligência, para formar o Universo e conservar a maravilhosa harmonia entre o Céu e a Terra não se requer uma Inteligência Infinita?

Sim, porque "os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras das Suas mãos" (Sl 19:1). Por isso mesmo os que das duas revelações que Deus deu ao homem — a Bíblia e a Natureza — só dispõem da segunda, estão sem desculpas desde que tenham olhos para ver e não vejam o Criador através das obras da Criação. Dêsses fala o apóstolo Paulo:

"A ira de Deus se revela do Céu contra tôda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça; porque o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre êles, porque Deus lhes manifestou. Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o Seu eterno poder como também a Sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são por isso indesculpáveis". Rm 1: 18-20.

Como o matemático dispõe de certo número de algarismos para resolver problemas de Matemática e o escritor

dispõe das letras do alfabeto para escrever livros, assim Deus dispõe de pouco menos de cem elementos constantes do sistema periódico para formar tudo o que existe no Universo. Em cada um dos três casos, porém, é a inteligência que, visando um fim, combina os fatôres. O Universo, como um todo, não é outra coisa senão um problema solucionado de Matemática, problema cujos fatôres são combinados sob fórmulas conhecidas e exatas, em que o cego acaso se torna absolutamente inadmissível.

É mais fácil aparecer uma casa sem construtor, um relógio sem relojoeiro ou um livro sem escritor, do que um Universo, tão bem organizado e tão perfeito como êste, sem um Criador e Organizador inteligente. Por isso nenhuma mente sadia pode aceitar que do caos tenha nascido automàticamente a ordem, da matéria morta a vida, da não-inteligência a inteligência, do nada tudo, pois, cientìficamente falando, um efeito nunca pode ser superior à sua causa.

Como a limitada Ciência humana é apenas uma partícula da ilimitada Ciência de Deus, que é a origem de todo ser, de tôda ordem, de tôda atividade, de tôda vida, de tôda consciência, de todo progresso científico, as conquistas do saber humano, de que êste século se ufana, leva os verdadeiros cientistas a reconhecer-se devedores dAquele que, fonte do saber absoluto, lhes colocou na mente mais alguns reflexos da Sua sabedoria infinita.

Certa feita um capitão de navio, querendo zombar de um missionário cristão, que se achava no convés em palestra com outras pessoas, assentou seu binóculo e, olhando em várias direções, dizia não poder ver a Deus, pelo que negava Sua existência. Mas logo emudeceu quando o missionário abriu sua Bíblia e leu o texto que reza: "Bem-aventurados os limpos de coração, porque êles verão a Deus". Mt 5:8. O instrumento com auxílio do qual podemos ver a Deus, não é o binóculo nem o telescópio; é, isso sim, a pureza de coração.

"Os limpos de coração", principalmente em se tratando de cientistas, "percebem o Criador nas obras de Sua poderosa mão, nas belas coisas que enchem o Universo". — E. G. White, O Maior Discurso de Cristo, pg. 31.

(Cont. da pág. 5)

discípulos buscaram impedir que seu Mestre o tocasse; pois aquêle que tocasse num leproso ficava também imundo. Mas, ao colocar a mão sôbre o morfético, Jesus não recebeu nenhuma contaminação. A lepra estava purificada. Assim se dá com a lepra do pecado — profundamente arraigada, mortífera, impossível de ser purificada por poder humano. "Tôda a cabeça está enfêrma, e todo o coração fraco. Desde a planta do pé até à cabeça não há nêle coisa sã, senão feridas, e inchaços, e chagas podres". Is 1:5, 6. Mas Jesus, vindo habitar na humanidade, não recebe nenhuma poluição. Sua presença era restauradora virtude para o pecador. Quem quer que Lhe caia aos pés, dizendo com fé: "Senhor, se quiseres, podes tornar-me limpo", ouvirá a resposta: "Quero: sê limpo".

Em alguns casos de cura, Jesus não concedia imediatamente a bênção solicitada. Mas no caso da lepra, mal o apêlo era feito, era ela concedida. Quando oramos por bênçãos terrestres, a resposta a nossa petição pode ser retardada ou Deus talvez nos dê uma coisa diversa daquela que pedimos; não assim, porém, quando oramos por libertação do pecado. É Sua vontade purificar-nos imediatamente do pecado, tornar-nos Seus filhos, e habilitar-nos a viver uma vida santa. Cristo "Se deu a Si mesmo por nossos pecados, para nos livrar do presente século mau, segundo a vontade de Deus nosso Pai". Gl 1:4. E "esta é a confiança que temos nêle, que, se pedirmos alguma coisa, segundo a Sua vontade, Êle nos ouve. E, se sabemos que nos ouve em tudo o que pedimos, sabemos que alcançamos as petições que Lhe fizemos". I Jo 5: 14, 15.

(*Continuação da pág.* 13)

Pedro tivesse tido preeminência entre os apóstolos. Conforme foram catalogadas pelo dr. Kenrick, arcebispo católico de S. Luis, EE UU, num discurso composto para ser pronunciado no Concílio do Vaticano, aquelas interpretações se agrumavam como segue: 1. A interpretação de que Pedro seja a rocha foi dada por dezessete padres, incluindo Cipriano, Leão o Grande, Jerônimo, Agostinho; 2. Que todo o colégio apostólico seja a rocha, foi admitido por oito padres, entre êles Orígenes, Cipriano, Jerônimo e Agostinho; 3. Que a confissão da divindade de Cristo, feita por Pedro, fôsse a rocha, por quarenta e quatro padres, contando-se entre êstes Gregório de Nissa, Crisóstomo, Hilário, Ambrósio, Agostinho; 5. Todos os cristãos que confessem ser Cristo o Filho de Deus. Baseado nessa lista, o arcebispo passa a dizer: "Se seguirmos os padres, um argumento de mesquinha probabilidade se pode retirar das palavras, de Mt 16:18, em abono do primado do bispo romano. Se nos limitarmos a seguir a maioria dos padres neste negócio, então seremos constrangidos a admitir como certo que pela *pedra* deve ser entendida a fé professada por Pedro, e não sua profissão de fé".

A carreira de Pedro após a ascensão de Cristo, conforme vem traçada no Novo Testamento, foi esta: durante os primeiros anos, Pedro teve lugar de proeminência entre os apóstolos, mas não de superioridade oficial. Presidiu no cenáculo e falou à multidão no dia de Pentecostes. Juntamente com João, saiu de Jerusalém para observar a obra em Samaria. Recebeu a mensagem no eirado, em Jope. Daí por diante, Pedro deixou de ser a principal personagem nas atividades da igreja. Novo período se abriu com o apostolado de Paulo — e dois terços do livro de Atos se ocupam de suas experiências e de sua carreira. Podemos, portanto, dizer com Lutero: "É claro como a luz do dia que, pelo Novo Testamento, Pedro foi um pescador e um apóstolo; mas não há uma palavra que indique que êle houvesse sido pôsto como chefe de tôdas as igrejas do mundo". — *Grund und Ursache,* pg. 409.

A FORMIGA E O HOMEM

Um dos escaravelhos parasitos mais notáveis é o *Lomechusa,* parasito da formiga escravocrata vermelha, *Formica rufa,* cuja história foi destrinçada pelo entomologista jesuita Wasmann. Não sòmente o escaravelho adulto vive explorando a gula das formigas, como também as suas larvas secretam uma substância igualmente apetitosa. As formigas tratam as larvas do escaravelho com mais carinho do que as suas próprias, e chegam mesmo a permitir que aquelas comam estas últimas. Como resultado dessa negligência das amas seduzidas pelo escaravelho, grande número de larvas das formigas perecem, enquanto outras, devido à má alimentação, dão origem a formas inúteis, intermediárias entre as operárias e as rainhas. Quando uma colônia da *Formica rufa* está suficientemente fascinada pelo escaravelho, *extingue-se inevitàlmente;* mas isso é raro, porque o parasito é pouco freqüente.

Essa perversão dos instintos maternais normais das operárias indica um grande poder de sedução nas secreções dos escaravelhos, comparável ao que possuem as bebidas alcoólicas em relação aos homens. A conduta das formigas é como se a mãe abandonasse a criança em troca da cachaça que ela sorvesse no corpo de alguma estranha criatura que tivesse a propriedade de secretá-la.

Essa condição reinante entre as formigas permite compará-las aos homens: tanto êstes como aquelas são escravos do vício com prejuízo para os filhos e final extermínio da raça.

——— / / ———

GENERALIDADES

O MAIOR ÓRGÃO DA AMÉRICA DO SUL

O maior órgão da América do Sul é o da Escola Nacional de Música do Rio de Janeiro. Trata-se de um gigantesco instrumento de 4.518 tubos sonoros, com 64 registros reais e 32 mecânicos. Nêle se vêem 8 combinações em cada teclado, e 61 teclas em cada manual. Cêrca de 12.000 contatos (2.000 eletromagnéticos) asseguram o funcionamento dêsse órgão, que é alimentado por 2 eletroventiladores de capacidade superior a 600 metros cúbicos de ar por minuto. O ar circula através de tubos de madeira, de 150 metros de extensão, e alimenta 11 foles principais e 14 de compensação. Seus acordes ouvem-se a 2 quilômetros de distância.

O TRIGO

O trigo, depois do milho, é a mais antiga das plantas conhecidas. Sabe-se, que milhares de anos antes de Cristo, os chineses já possuíam grandes trigais. Na Baviera encontrou-se um cântaro de pedra, que continha trigo em grão. Após demorado exame chegou-se à conclusão de que êsse cereal aí estava de havia milhares de anos. Nos arredores de Sussex, na Inglaterra, membros da famosa Sociedade Arqueológica de Brighton descobriram um celeiro de trigo construído muito antes da fundação de Roma. Não se sabe ao certo de onde êsse cereal é originário. Anualmente, a produção mundial de trigo é superior a 200.000.000 de toneladas. Seus três maiores produtores são: Estados Unidos, China e Canadá.

O CAMALEÃO

Não é verdade que o camaleão tenha a faculdade inata de variar de côr, para se adaptar ao fundo. Há uma espécie dêles que muda de matiz, de quando em quando. Essa mudança, porém, nada tem que ver com a côr do objeto sôbre o qual o camaleão se acha. A mudança é involuntária: não depende do camaleão. As fôrças que lhe controlam a côr são as variações da luz, temperatura, etc.

"ÊLES" E "ELAS"

Sabe-se que os homens morrem antes das mulheres. Muito se tem falado e argüido sôbre êste assunto. Alguns diziam que o fato se devia a que o trabalho desgastava o homem. Mas, em igualdade de condições, repetia-se o fenômeno. Durante a guerra desceu o quociente da mortalidade masculina. Comprovou-se que esta segue paralela ao movimento de consumo de bebidas alcoólicas. Como durante a guerra se restringiu a produção de álcool, diminuiu a mortalidade masculina.

O CORAÇÃO

Menciona-se freqüentemente o coração como exemplo de trabalho incessante. Em realidade, o músculo cardíaco obtém um breve descanso entre cada pulsação, de modo que segundo cálculos fidedignos, trabalha nove horas por dia e descansa as outras quinze.

AS UNHAS

Influem sôbre o crescimento das unhas as estações, o estado de saúde e os alimentos. Não crescem por igual em todos os dedos nem na mesma mão. O crescimento anual é de uns quatro centímetros. Um homem de sessenta anos renovou as unhas umas 186 vêzes, e produziu 48 metros de unha durante sua vida.

COLECIONADOR

O famoso rei egípcio Tutankhamen, que reinou muito antes de Cristo, foi o maior colecionador de bengalas e chibatas de que há notícia. No túmulo dêsse Faraó encontraram-se ùltimamente centenas dêsses objetos.

Lar Ideal

Esta importantíssima obra é uma verdadeira fonte de sabedoria onde podem adquirir os mais valiosos tesouros de conhecimento todos os jovens que pretendem casar-se, os recém-casados e todos os pais de família que anelam entronizar em seus lares o alvo sublime da felicidade.

Ilustrado. Mais de trezentas páginas. Encadernado.

EDITÔRA MISSIONÁRIA "A VERDADE PRESENTE"
CAIXA POSTAL 10.007 — SÃO PAULO